

***Born In The USA, Raised By Asia?* - As múltiplas faces da segunda
geração na literatura contemporânea
asiático-americana**

Joana Maldonado Marques

**Dissertação de Mestrado em Línguas, Literaturas e Culturas
Especialização em Estudos Ingleses e Norte-Americanos**

Abril, 2016

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Línguas, Literaturas e Culturas – Especialização em Estudos Ingleses e Norte Americanos, realizada sob a orientação científica de Professora Doutora Teresa

Botelho

AGRADECIMENTOS

Dedico esta dissertação ao Alexandre, por nunca deixar de acreditar em mim e aos meus pais, que sempre apoiaram as minhas ideias.

Agradeço à professora Teresa Botelho, por me acompanhar até ao ultimo dia e me incentivar a fazer sempre melhor.

E, por fim, não posso deixar de agradecer à minha colega Catarina, a disponibilidade constante para me ajudar.

Índice

Introdução.....	1
I. Representações da identidade asiático-americana: Estudos asiático-americanos contemporâneos.....	3
Introdução.....	3
1.1 A imigração asiática para os EUA: diferentes histórias, diferentes contextos....	4
1.1.1 A imigração chinesa para os EUA.....	6
1.1.2 A imigração coreana para os EUA.....	9
1.1.3 A imigração indiana para os EUA.....	10
1.2 A identidade asiático-americana: uma viagem entre a realidade e a ficção	12
1.3 A segunda geração de asiáticos-americanos: a experiência asiático-americana contemporânea.....	19
II. O panorama literário asiático-americano: ontem e hoje	26
Introdução.....	26
2.1 Estudos culturais e literários asiático-americanos: uma introdução	26
2.2 A literatura asiático-americana: um percurso histórico pelas suas origens e motivações até à contemporaneidade	28
2.2.1. A literatura sino-americana	37
2.2.2 A literatura coreano-americana.....	40
2.2.3 A literatura indiano-americana.....	43
III. Processo de construção identitária da segunda geração de asiático-americanos nas obras <i>The Joy Luck Club</i> , <i>The Namesake</i> e <i>Native Speaker</i>	48
Introdução.....	48
3.1 Factores de influência no processo de construção identitária da segunda geração de asiático-americanos	49
3.1.1. Contextos, períodos e experiências de imigração nas três obras.....	49
3.1.2. A primeira geração no mundo americano.....	51
3.1.3. Relação entre primeira e segunda gerações de asiático-americanos – conflito Ásia/ América.....	56
3.1.4. A segunda geração de asiático-americanos e o contexto americano: relação com os seus pares americanos e asiático-americanos	69
3.2. Reconciliação identitária: de uma identidade fraturada a uma identidade híbrida	79
Conclusão.....	86
BIBLIOGRAFIA(S) / REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	88

Introdução

É objectivo desta dissertação analisar a problemática da construção identitária da segunda geração de asiático-americanos, nomeadamente no que diz respeito à forma como este processo é representado na literatura contemporânea. Estes textos constroem narrativas de negociação identitária, incorporando preocupações como a identidade híbrida, à luz dos actuais contextos transnacionais e diaspóricos.

Em paralelo, representando o conceito “asiático-americano” um leque tão vasto de etnicidades, histórias e culturas, reflectindo as várias Ásias, torna-se necessário escrutinar a capacidade explicativa de um termo, que surge sobretudo por motivos políticos e sociais. A selecção de três narrativas produzidas por autores de diferentes origens étnicas, uma sino-americana, uma indiano-americana e um coreano-americano permite realizar uma análise comparativa, investigando de que forma heranças culturais distintas desconstroem ou sustentam a mitologia da narrativa identitária colectiva. As obras seleccionadas para esta análise serão *The Joy Luck Club* de Amy Tan, *The Namesake* de Jhumpa Lahiri e *Native Speaker* de Chang-Rae Lee, escritas nas últimas três décadas.

No primeiro capítulo será feito um enquadramento histórico da imigração asiática para a América, acompanhando o seu percurso desde o século XIX até à contemporaneidade. Serão, neste sentido, abordados pontos de viragem, desde o *Chinese Exclusion Act* à aprovação do *Immigration and Nationality Act* de 1965 e a consequente anulação do sistema de quotas imposto em 1924, de que resultou a grande heterogeneização da comunidade asiático-americana. Esta pluralidade não estará, contudo, representada pelo conceito “asiático-americano”, que surge para a identificar, já que o termo pressupõe a homogeneização de uma globalidade de experiências culturais e históricas. Ainda neste primeiro capítulo, serão analisadas as consequências desta categorização, nomeadamente no que diz respeito aos estereótipos de que esta comunidade tem sido alvo. Por fim, será abordada a experiência de uma segunda geração de imigrantes, que irá conferir ainda mais heterogeneidade a este conceito, juntando-lhe uma outra dimensão – um “eu”

americano, o que conferirá ao processo de construção identitária desta geração uma complexidade ausente da subjectividade da primeira geração, já que estes jovens irão crescer suspensos entre dois mundos e culturas: por um lado a América, por outro a origem étnica.

Já no segundo capítulo será investigada a forma como os estudos culturais e literários asiático-americanos acompanharam a evolução da experiência abordada no primeiro capítulo, desde a sua emergência na década de 60, até à contemporaneidade. Serão identificadas as diferentes fases da literatura asiático-americana, de forma a compreender as motivações dos seus autores e os seus diferentes enfoques. Neste contexto, será também discutida a pluralidade do *corpus* literário, que não se esgota numa categorização fechada e homogénea. Na última parte deste capítulo revisitar-se-á a evolução das literaturas sino-americana, indiano-americana e coreano-americana, enquadrando nelas os autores e obras que constituem o *corpus* desta dissertação.

O último capítulo será dedicado à análise das obras em estudo. Como referido, embora as três narrativas se integrem dentro dos parâmetros da literatura asiático-americano, não deixam de apresentar experiências, motivações e períodos de imigração distintos. Serão por isso analisados os paralelos e descontinuidades presentes nos três romances em estudo, através da análise dos factores comuns de influência na construção identitária de cada grupo étnico específico, escrutinando-se a forma como estas obras apresentam os fenómenos “ser”, “querer ser”, “parecer” e “querer parecer” enquanto peças fundamentais na aceitação e reconciliação com um “eu” complexo e multidimensional.

Em última análise, pretende-se compreender se a forma como autores de diferentes ascendências étnicas descrevem o processo de construção do “eu” da segunda geração, coloca ou não em causa o tão enraizado e controverso conceito de identidade “asiático-americana”.

I. Representações da identidade asiático-americana: Estudos asiático-americanos contemporâneos

Introdução

Neste primeiro capítulo será apresentado um enquadramento histórico, económico e social da imigração asiática para a América, desde a busca do ouro da Califórnia por parte de jovens chineses, em meados de 1850, até à realidade contemporânea, que compreende um novo tipo de imigração, sem exclusão por quotas, mais qualificada e, sem dúvida, mais diversa em termos de origens, línguas e culturas.

Serão também abordados os contextos que levaram ao aparecimento do conceito “asiático-americano”, bem como as fragilidades que deram origem à relutância da academia em utilizá-lo. A ideia de que este será mais um termo incompleto para definir o grupo a que se refere levanta questões antigas ligadas à falta de representações isentas de racismo, essencialização e discriminação, das quais os asiático-americanos sempre foram alvo nos EUA. Será, por isso, também analisado nesta dissertação, o percurso de quase dois séculos de homogeneização e racialização deste grupo.

Por fim, será tratada a questão da segunda geração e respectivo processo de construção identitária. Já nascidos na América, estes jovens, ao contrário, dos seus pais, sentem-se americanos, sendo que a ligação que têm ao país de origem será sobretudo mediada através destes. A sua identidade será, desta forma, influenciada por dois pólos aparentemente mutuamente exclusivos - sociedade americana e cultura de origem - o que resultará em conflitos internos e externos. Além disso, existe ainda um outro factor a complicar esta equação, o facto de, no caso asiático-americano, a questão de raça estar muito ligada à questão étnica. Desta forma, por muito que estes jovens se sintam americanos, os seus traços fenotípicos não correspondem à imagem que ainda hoje perdura na consciência colectiva sobre a aparência “típica” de um cidadão americano .

1.1 A imigração asiática para os EUA: diferentes histórias, diferentes contextos

A primeira grande onda imigratória asiática para os EUA acontece em meados de 1850 com a corrida ao ouro da Califórnia por parte de imigrantes chineses. Previamente, já imigrantes coreanos, japoneses, filipinos e chineses haviam chegado ao Hawaii, ainda antes deste ser considerado território americano, com o propósito de ir trabalhar nas inúmeras plantações de açúcar da ilha. Em finais de 1800, imigra também para os EUA um grande número japoneses, coreanos e sul-asiáticos, que viriam a colmatar as lacunas de trabalho deixadas pelos chineses, então expostos ao *Chinese Exclusion Act* de 1882¹.

Depois de uma era de exclusão asiática, marcada pelo *Immigration Act* de 1924², a aproximação do fim da II Guerra mundial estabelece o início de uma nova época de abertura, embora apenas alguns grupos de asiáticos específicos se tornem elegíveis para entrar nos EUA. Ainda assim, com o *Magnuson Act*³ e o *Mccarran-Walter Act*⁴ foi possível contornar as regras de exclusão em alguns casos e os asiático-americanos começaram aos poucos a ser, como refere David Li, “recognized as either citizens or legal aliens” (Li, 1998:6). Contudo, apesar de politicamente e juridicamente serem tidos em conta enquanto americanos, os asiático-americanos continuam a ser olhados enquanto “outro” pela sociedade americana *mainstream*. Estas pessoas vão, desta forma, experienciar a frustração de ao mesmo tempo pertencerem e não pertencerem à América, sendo que haviam conseguido conquistar o direito formal, mas não a aceitação informal da sua identidade Americana. Como refere Robert Lee: “American citizenship and American nationality are not synonyms.” (Lee, 1999:6).

¹ Lei federal norte-americana, assinada a 6 de Maio de 1882 pelo presidente Chester A. Arthur que impedia a imigração chinesa e negava cidadania a todos os chineses em território nacional.

² Lei federal norte-americana, que incluía o *National Origins Act* e o *Asian Exclusion Act* e limitava a entrada de imigrantes no país com base num sistema de quotas por país. Permitia assim a entrada a 2% do número de pessoas de cada origem presentes nos EUA no Censo de 1890. Excluía totalmente a entrada de imigrantes asiáticos.

³ Lei federal norte-americana, assinada a 17 de Dezembro de 1943, que repelia o *Chinese Exclusion Act* e permitia a entrada de um número controlado de imigração chinesa nos EUA e previa a cedência de cidadania a alguns chineses residentes no país.

⁴ Lei federal norte-americana, assinada a 27 de Junho de 1952, que apesar de reforçar o sistema de quotas para a imigração, acabou com a exclusão de imigrantes asiáticos no país e introduziu um sistema de preferências baseadas em *skills* ocupacionais e reunião familiar.

É apenas em 1965 que os EUA se voltam a abrir à imigração, permitindo a entrada de vários grupos de asiáticos, embora dando prioridade a casos que envolvessem reunificação familiar ou imigração qualificada. A partir deste momento, a comunidade asiática na América torna-se etnicamente diversa e passa a ocupar diferentes posições no contexto americano, influenciada por diferentes variáveis históricas, sociais, políticas e económicas. Por exemplo, se por um lado os primeiros imigrantes asiático-americanos tinham, na sua maioria, poucas qualificações e competências, vivendo sobretudo em comunidades fechadas, como era o caso das *Chinatowns*, hoje são uma das minorias étnicas com maior nível de qualificação, maior probabilidade de viver em bairros multiculturais e de casar com membros fora da sua comunidade⁵. Contudo, apesar de actualmente os níveis educacionais de grande parte dos asiático-americanos serem bastante altos (principalmente no que diz respeito a populações descendentes de países como a China ou Índia), é necessário lembrar que muitos outros, principalmente imigrantes e refugiados vindos do sudeste asiático, ocupam posições inferiores na escala social e económica, sendo pouco qualificados. Por conseguinte, ao traçar-se a história da imigração asiática na América é possível observar que a mesma é constituída por sucessivas entradas e expulsões de “multiple and different Asian ethnic immigrant groups each with a diferente language and cultural stock, diferente value and belief systems (...)” (Ono, 2005:2). Não existe, desta forma, uma narrativa comum aos estudos asiático-americanos, sendo que experiência asiática-americana é composta por diferentes histórias de imigração, por distintos grupos étnicos, cada um com a sua cultura, valores e língua. Uma história constituída por diferentes percursos, conforme o período que trata, já que o conceito asiático-americano é plástico e possuiu múltiplos e distintos significados ao longo do tempo.

Contudo, esta heterogeneidade foi e continua a ser muitas vezes ignorada, como se demonstrará ao longo desta dissertação. Para melhor analisar esta questão, serão tratadas nos pontos seguintes as histórias migratórias de três diferentes grupos de asiáticos, nomeadamente chineses, coreanos e indianos, para os EUA. Embora todos eles se incluam dentro da categoria asiático-americana, é possível

⁵ *The Rise of Asian Americans*. Pew Social & Democratic trends. 2012

observar diferenças tanto ao nível do contexto de partida, no que diz respeito às situações sócio-económicas do país de origem e aos motivos da imigração, como em relação ao contexto de chegada, nomeadamente as condições políticas e sociais vividas nos EUA.

1.1.1 A imigração chinesa para os EUA

Como anteriormente referido, o início da imigração chinesa para os EUA acontece em torno de 1850. Trata-se de uma imigração voluntária e cujo objectivo era enriquecer através do trabalho nas minas de ouro na Califórnia. Neste período, na China, viviam-se as Guerras do Ópio⁶ contra o Reino Unido, do qual este último sai vitorioso, deixando a China devastada em termos económicos. Este acontecimento histórico levou, juntamente com o facto de a América representar prosperidade e liberdade, à primeira grande onda migratória chinesa para os EUA. As condições que estes imigrantes encontraram na América foram, contudo, muito precárias.

A maioria desta população era constituída por jovens pobres, cujo objectivo era ficar apenas o tempo suficiente para enriquecer e depois voltar à sua terra natal. Estes imigrantes foram apelidados de *sojourners* devido ao carácter temporário da sua motivação migratória. Criavam assim uma distância psicológica e social da restante sociedade americana, mantendo hábitos e tradições chineses. As suas mulheres permaneciam na China para cuidar e educar os filhos, e apoiar os elementos mais velhos da família.

O início da construção das linhas de comboio no oeste americano, a partir de 1864, representa também um período marcado pela entrada de um grande número de chineses nos EUA. Este grupo de imigrantes trabalhava por salários muito baixos e poucas condições, pelo que as próprias companhias de caminho de ferro americanas os foram recrutar em enorme número directamente à China. Quando o trabalho nos caminhos de ferro se esgotou, a expectativa generalizada da sociedade

⁶ Conflitos entre a dinastia Qing e o Reino Unido sobre o mercado do ópio e soberania da China no que dizia respeito às trocas comerciais britânicas na China.

americana era a de que estes jovens chineses abandonassem o país e regressassem a casa, o que não veio a verificar-se. Se no início da sua imigração, os imigrantes chineses foram bem-vindos na América, já que representavam uma enorme fonte de mão-de-obra barata, à medida que a sua presença no mercado de trabalho aumentava⁷, começou a criar-se um sentimento anti-chinês nos EUA. A percepção do asiático-americano enquanto ameaça ao trabalhador americano, e mais tarde enquanto figura “deviant” levou, conseqüentemente, à existência de movimentos de exclusão que pretendiam inibir a presença destes imigrantes nos EUA. O primeiro será o *Page Act* de 1875, uma lei federal norte-americana que impedia a entrada de mulheres chinesas no país, de forma a que os actuais imigrantes não pudessem constituir família e acabassem mesmo por deixar a América. Este é o primeiro passo numa onda de movimentos de exclusão que culminará no *Chinese Exclusion Act* de 1882. Esta lei restringiu a imigração chinesa durante os 60 anos seguintes, até ao final deste tratado, e negou cidadania americana aos chineses residentes nos EUA. A opção destes imigrantes seria então voltar ao contexto de origem sem nada, ou permanecer nos EUA e ser alvo de uma segregação residencial, social e económica que deu origem à *Chinatown*.

As *Chinatowns* surgem então neste contexto de racialização e exclusão. São enclaves, muitas vezes vistos como segregacionistas e um obstáculo à assimilação. Para os emigrantes servem de ponto de referência, onde é possível contar com redes de apoio para os ajudar com a sua condição de imigrante. Esta segregação étnica confere-lhes segurança e familiaridade. Contudo, apresenta desvantagens como a falta de conhecimento da língua local, desconhecimento da cidade e consequente dificuldade para encontrar emprego fora do enclave.

Apesar da negativa experiência imigratória, que terminou em fracasso financeiro e segregação social e económica, a complicada situação na China - guerra civil e consequente subida ao poder dos comunistas em 40, ameaçando a propriedade privada - levou a que os chineses decidissem permanecer nos EUA, mesmo depois de expostos a actos de exclusão e discriminação no país. Esta permanência teve, contudo, os seus benefícios, quando, a propósito da II Guerra

⁷ Acabando este grupo por competir directamente com os americanos pelas mesmas funções.

Mundial, se criou uma aliança entre os EUA e a China, que culmina no final do *Chinese Exclusion Act* em 1943. Em 1945, é também aprovado o *War Brides Act*, que permite a entrada das mulheres destes imigrantes chineses nos EUA. Contudo, se por um lado, o final do *Chinese Exclusion Act* abriu as portas dos EUA aos chineses, por outro, em 1949 o governo comunista chinês proibiu a emigração e apenas um número pequeno de pessoas conseguiu fugir do país.

Em 1964, é dado mais um passo no caminho da integração da comunidade sino-americana, com a aprovação, no âmbito do *Civil Rights Act*⁸, da lei *Equal Opportunity Employment*⁹, que permitiu o acesso a outras oportunidades profissionais aos chineses, além das típicas lavandarias e restaurantes.

Contudo, é apenas a partir do *Immigration and Nationality Act* de 1965¹⁰, com a abolição do sistema de quotas, que a emigração chinesa para os EUA sofre a maior alteração. Estes imigrantes já não eram constituídos apenas por homens com baixos níveis de educação e poucas qualificações, mas por elementos de ambos os sexos, sendo que maioria possuía níveis de educação mais altos que os seus antecessores. Todavia, a maior diferença está no objectivo da sua imigração, que já não era apenas enriquecer e voltar para a China, mas permanecer nos EUA, de forma a estabelecer uma vida com melhores condições. Como referiu Paul Chow: “We finally made it to the Gold mountain, and we are here to stay” (Cit. Zhou, 2010:69). A nova categoria de imigrantes será, desta forma, denominada de *settlors*. Este é um grupo heterogéneo que procura liberdade e prosperidade nos EUA e a educação foi um meio privilegiado para a alcançar.

No seguimento destas alterações, o número de chineses nos EUA, entre 1960 e 1980 triplicou, tornando-se um importante segmento da população americana. As novas leis permitiram também a reconstituição de uma instituição sociologicamente conotada como muito importante na cultura chinesa, a família. A maioria destes

⁸ Lei federal norte-americana que proíbe a discriminação com base na raça, cor, religião, sexo ou nacionalidade de origem.

⁹ Lei federal norte-americana que surge no contexto do *Civil Rights Act* de 1964 e que pretende proteger os trabalhadores dos EUA da discriminação no trabalho, no que diz respeito à raça, sexo, cor, religião ou nação de origem dos mesmos.

¹⁰ Lei federal norte-americana que decreta a abolição do sistema nacional de quotas para a imigração e substitui a mesma por um sistema de preferências focado nas skills dos imigrantes e na reunião familiar.

novos imigrantes chineses veio em grupos familiares, constituídos por marido, mulher e filhos. Eram emigrantes muito heterógenos em relação à situação socioeconómica, tanto com pouca qualificação, como com capital social e económico altos. Os filhos destes últimos beneficiarão desta situação dos pais e geralmente atingirão altos níveis educacionais.

Os imigrantes com baixo capital económico e social, em regra, fixam-se no enclave, enquanto que aqueles com melhor domínio da língua inglesa e educação universitária residem maioritariamente em áreas suburbanas, já que dependem menos das redes étnicas. Esta população tem maiores probabilidade de se enquadrar na sociedade *mainstream* americana.

Contudo, os imigrantes chineses ainda enfrentam alguns problemas, como a dificuldade em encontrar trabalho devido à falta de domínio da língua inglesa, a alta taxa de criminalidade entre os jovens e os transtornos familiares resultantes do *clash* cultural entre primeira e segunda geração, a última já cidadã americana e por isso com um quadro cultural totalmente diferente dos pais.

1.1.2 A imigração coreana para os EUA

Na história da imigração coreana para os EUA é possível distinguir-se três diferentes períodos de grande afluência ao território americano.

O primeiro, em cerca de 1903, acontece aquando da imigração para as plantações de açúcar do Hawai, que na altura acolhem um grande número de trabalhadores asiáticos. Nesta altura, chegam também à América muitas mulheres coreanas e japonesas ao Hawai e à costa oeste dos EUA com o intuito de casar com estes imigrantes coreanos e japoneses, na história denominadas por *picture brides*.

Já no período compreendido entre 1910 e 1945, o número de imigrantes coreanos diminui, uma vez que o domínio do Japão na Coreia dificultava a saída dos coreanos do país. Após a independência do Japão em 1945, a Coreia sofre um conflito interno, a Guerra da Coreia, e fica dividida em duas partes, com um norte apoiado pela União Soviética e um sul apoiado pelos EUA. Entre 1950 e 1953, devido à guerra e à formação da aliança entre a Coreia do Sul e a América, um grande

número de militares coreanos, as suas mulheres e filhos são um dos principais grupos coreanos a entrar no país. São também adoptados por americanos muitas crianças coreanas bi-raciais, filhas de soldados americanos e mulheres coreanas. Existem também, nesta altura, alguns estudantes coreanos que chegam aos EUA através de programas de *exchange*.

Com a nova lei para imigração de 1965, a população coreana nos EUA aumenta significativamente. As suas razões migratórias prendem-se sobretudo com a procura de melhores condições e oportunidades profissionais, falta de segurança e liberdade política na Coreia e o desejo de aceder à educação. Contudo, estes imigrantes entram na América segundo um sistema de preferências, sendo que no topo estão os grupos que integrem motivos de reunificação familiar ou imigração qualificada e profissionalizada. Estes imigrantes pós-1965 serão, sobretudo, de classe média, educados e qualificados. Contudo, a dificuldade que apresentam com a língua inglesa e o choque cultural vão interferir na sua adaptação aos EUA.

Por fim, última grande onda de imigração coreana nos EUA acontece entre 1970 e 1980, devido à falta de oportunidades na terra de origem e à falta de segurança e liberdade políticas.

Durante os anos 90, a participação política e cívica dos coreano-americanos aumentou significativamente em grande parte devido ao aparecimento dos *riots* de Los Angeles em 1992 e da onda anti-imigração de 1994. Os primeiros levaram a uma onda de ódio racial entre afro-americanos e coreano-americanos, estes últimos sendo sobretudo donos de pequenos estabelecimentos comerciais. A partir deste momento, os coreano-americanos organizaram-se de forma a garantir os seus direitos na sociedade americana, sendo que até ao momento não tinham qualquer participação política ou influência social e eram ainda vistos como um grupo centrado em enriquecer, sem preocupação em se assimilar na sociedade americana.

1.1.3 A imigração indiana para os EUA

Os imigrantes indiano-americanos fazem parte de um grupo denominado *South Asian Americans*, que por sua vez constitui um dos ramos do grupo *Asian*

American. A literatura que existe sobre este grupo imigratório geralmente inclui-o dentro da esfera *South Asian American*, sendo que a própria categoria *Asian Indian American* apenas surgiu no *Census Bureau* de 1986.

Até 1970, a quota de imigrantes indiano-americanos nos EUA era bastante baixa. O primeiro período da diáspora indiana acontece entre 1904 e 1924 e o reflexo da opressão colonial britânica na Índia. Estes primeiros imigrantes serão provenientes das províncias de Guajarat e Punjab e chegavam à América com o intuito de ir trabalhar para os campos da Califórnia. Eram sobretudo *Sikhs*, de classe social baixa, desqualificados e com pouco ou nenhum domínio do inglês.

Foi apenas com o *Immigration and Nationality Act* de 1965 que chegaram à América a maioria dos imigrantes indianos, desta feita qualificados e pertencentes a classes mais altas. Depois da independência, a Índia passou por um período de rápida industrialização e progresso, sendo que muitos dos indianos que imigraram nesta altura, além de dominarem o inglês, herança do império britânico, eram bastante qualificados. A maioria eram homens com educação e formação nas áreas da tecnologia, engenharia e medicina, o que lhes facilitou a obtenção de sucesso económico. Os filhos destes imigrantes terão maiores possibilidades e expectativas de ingressar no ensino superior exactamente devido ao *status* social e económico dos pais. Além de virem desempenhar tarefas especializadas no mercado de trabalho, possuem alto domínio do inglês, o que contribui para a sua rápida adaptação e sucesso. Como refere Pyong Gap Min: “The 1990 and 2000 Censuses showed that Indian and Taiwanese immigrants had the highest occupational and educational levels among all immigrant groups, substantially higher than other Asian immigrant groups” (Min, 2013:19). Já as mulheres indiano-americanas chegam aos EUA sobretudo através de casamentos arranjados com estes homens.

Os imigrantes indianos que chegam aos EUA a partir dos anos 80, depois do *Immigration and Reform Control Act*¹¹ imigram sobretudo por razões familiares e não por motivos profissionais. Possuem também menor proficiência no inglês, níveis de educação mais baixos e têm trabalhos menos qualificados, concentrando-se

¹¹ Lei norte-americana, assinada em 1986, que pretendia rever as leis a propósito da imigração e garantir que os trabalhos na América eram desempenhados por cidadãos americanos legais no país.

sobretudo em New York e New Jersey.

Apesar de esta ser uma população cujos dados indicam uma fácil adaptação à sociedade americana, isto não significa que os laços da mesma com a terra de origem não se mantenham fortes. Este grupo preserva uma forte ligação à Índia, através da manutenção de rituais culturais e da criação de redes com outros indiano-americanos em território americano.

Os indiano-americanos integram um quadro referencial ambíguo no que diz respeito às características físicas da sua identidade étnica. Tal acontece devido a uma falta de enquadramento no imaginário comum sobre a aparência “típica” do asiático-americano, já que este se encontra muito ligado à fisionomia do indivíduo do este asiático. Este fenómeno é revelador de como as categorizações ligadas aos asiático-americanos estão ainda hoje muito ligadas a questões de raça e sujeitas a estereótipos.

1.2 A identidade asiático-americana: uma viagem entre a realidade e a ficção

Embora os asiático-americanos estejam expostos às mesmas leis imigratórias, racialização e discriminação, a pan-etnicidade asiático-americana não se desenvolve até aos anos 60, resultado das diferenças, previamente mencionadas, que separam este grupo: diferentes períodos e experiências imigratórias, línguas e culturas distintas. Contudo, apesar destes factores, surgem dois movimentos sociais e políticos na década de 60 que serão extremamente importantes no desencadear da consciência asiático-americana: o Movimento dos Direitos Civis Americanos e o Movimento *Black Power*. Ao chamarem a atenção para a discriminação e racialização sentidas pelo grupo, os afro-americanos viriam a influenciar e inspirar a mobilização dos asiático-americanos pelos seus direitos. Além disso, a Guerra do Vietname e a propaganda política que desumanizava e racializava o asiático¹² representavam também um *trigger* muito forte à revolta do grupo, que começava a exigir direitos e

¹² É neste contexto que surge a ideia do asiático-americano enquanto *gook*, uma espécie de figura sub-humana com interesses negros e misteriosos.

se unia sob o “chapéu” de um novo conceito colectivo do qual emerge o termo asiático-americano.

O conceito “asiático-americano” surge pela primeira vez neste contexto de mudança social, sendo resultado de um movimento liderado principalmente por sino-americanos, coreano-americanos, filipino-americanos e nipo-americanos, sobretudo de 2ª e 3ª gerações, focados em chamar a atenção para a discriminação e falta de representação de diferentes grupos étnicos de origem asiática-americana. O termo foi proposto por Yuji Ichioka e serviu como uma forma de contestar a descrição do grupo enquanto “oriental”, uma construção social estereotipada, que surge em oposição à *whiteness* e agrega determinadas características fenotípicas com base em pressupostos racistas, tais como a ideia de *pollutant body*. É neste contexto que surge também o já referido Movimento Pan-étnico (Espiritu,1992) que se ramificou no desenvolvimento de outras acções colectivas e sociais a favor deste grupo, bem como no aparecimento da disciplina de Estudos Asiático-Americanos.

A enorme diversidade de imigrantes asiático-americanos, resultado do *Immigration and Nationality Act* de 1965, levou a que este conceito se tornasse mais heterogéneo, uma vez que passou a incluir indivíduos pertencentes a um espectro muito diverso de etnicidades, religiões, culturas e línguas. Este fenómeno veio contribuir para a contestação do conceito, que além da diversidade que inclui, leva a que muitos dos indivíduos que engloba não se revejam no seu quadro de representação. Kibria (1997) sugere mesmo que o termo “asiático-americano” muitas vezes se é utilizado para fazer referência especificamente a grupos com origem no este asiático, isto é, chineses, japoneses e coreanos. Jerry Park chega mesmo a questionar, em relação a esta questão de representividade, se “do other groups, such as South Asian Indians and Filipinos, also identify with the term and the movement given its historical emphasis on the Chinese and Japanese American experience?” (Park, 2008:543). Apesar de partilharem, de certa forma, o mesmo espaço geográfico, a cultura destes grupos é distinta. Mesmo no caso de países vizinhos como a China, a Japão ou a Coreia, a língua oficial não é a mesma e chega mesmo a existir um passado de conflito, o que criará sérios entraves à construção de uma pan-etnicidade.

Um dos problemas que pode acontecer quando se colocam diferentes minorias étnicas debaixo do mesmo “chapéu” é a vontade de algumas delas se querem dissociar deste conceito se o mesmo for percebido como “inferior” ao da sua identidade étnica específica. Como refere, a este propósito, Eun Min:

“During the 1990s when the Chinese population rapidly increased in the San Gabriel Valley and Los Angeles County, whites in these areas saw the increasing Chinese immigrants as a threat. Many hate crimes targeting immigrant Chinese occurred. In response to those hate crimes, some non-Chinese Asian Americans identified themselves as a specific ethnic identity or even as an American, refusing to be seen as a Chinese.”
(Min, 2010:32)

Contribuem para a heterogeneidade do asiático-americanos, não só as diferenças no que diz respeito às origens de cada um, mas as dissimetrias prováveis nas motivações para cada tipo de imigração, bem como nas suas situações sócio-económicas, tanto no local de origem, como na América. Mesmo entre aqueles que partilham a mesma identidade étnica existem heterogeneidades, e apesar de um passado semelhante, o presente e o futuro na América nunca será o mesmo devido às diferenças de contextos, sociais, económicas e políticas a que cada família e indivíduo estão sujeitos. Desta forma, Kent Ono refere que factores como “immigration, nationality, sexuality, race, gender, class, language, citizenship, state, professional privilege, geographical location, family, age, generation, ability” (Ono, 1995:73) vão tornar o conceito asiático-americano extremamente heterogéneo.

Não só nas diferenças entre grupos étnicos está presente a heterogeneidade que tão bem caracteriza a realidade asiático-americana. Também a experiência individual de cada elemento será, obviamente, única e singular e embora possam existir similaridades no que diz respeito a questões culturais ou a experiências imigratórias, a adaptação ao contexto e o processo de construção identitária (no caso da segunda geração) serão heterogéneos. Lowe desencoraja, desta forma, que a identidade asiático-americana seja estudada de uma forma fixa, já que a sua construção é um processo fluído. É necessário, por isso, entender que, tal como o conceito de identidade não é algo estático, mas, como referem Brubaker e Cooper,

“constructed, fluid and multiple”, (Brubaker, R. & Cooper, F, 2000: 1), a experiência asiático-americana também não o será. Esta plasticidade significa que este conceito poderá ser sempre alvo de novas construções, sendo dinâmico e moldável, o que conduzirá à questão das novas identidades globais, transnacionais e híbridas que os autores asiático-americanos de segunda geração dão a conhecer nas suas obras¹³.

Os contextos históricos dos locais de origem, o tipo de imigrante de cada período e as suas razões imigratórias, bem como o contexto de recepção nos EUA vão, desta forma, influenciar a identidade que os asiático-americanos recriam na América e mais tarde influenciar o tipo de experiência e construção identitária dos seus filhos. O aparecimento de uma segunda geração vem acrescentar uma outra dimensão ao termo, já que envolve indivíduos cuja identidade étnica será completamente diferente da dos seus pais, também incluídos no conceito.

A ligação entre asiático-americanos será, conseqüentemente, muitas vezes apenas simbólica e resultado do facto de estes constituírem um grupo minoritário que partilha uma história de imigração, alienação, racialização e, muitas vezes, exclusão. Aquilo que os une não é uma língua, cultura, etnicidade ou raça comuns, mas a sua narrativa e experiência na América semelhantes. Contudo, como refere Stuart Hall, a ligação que dará origem à identidade asiático-americana não será “a bit less real because it is also symbolic” (Hall, 1987:45)

É esta ligação simbólica, que juntamente com algumas condições, políticas e sociais, sendo elas, segundo Espiritu, “electoral politics, social service funding and census classification” (Espiritu, 1992:51), irá beneficiar a pan-etnicidade entre asiático-americanos. A oportunidade de melhorar o *status* do grupo e a possibilidade de ter participação política são, desta forma, algumas das razões para que os asiático-americanos se agrupem. Sendo que a maioria sofre de algum tipo de discriminação, é natural esta aproximação na tentativa de ganhar uma voz com maior amplitude na sociedade americana *mainstream*. A pan-etnicidade entre asiático-americanos serve assim para criar vantagens comuns aos membros dos

¹³ A heterogeneidade da literatura asiático-americana será analisada com maior detalhe no próximo capítulo.

diferentes grupos nacionais e étnicos, como se de um movimento solidário se tratasse (Espiritu, 1992). Apesar da multiplicidade cultural, de origens, etnicidades e línguas dos indivíduos que os constituem, esta comunidade encontra-se politicamente unida, mas não só. Segundo Espiritu, apesar de os laços que unem esta comunidade serem sobretudo sociais e políticos, a aceitação e consciencialização da pan-etnicidade irá permitir também o desenvolvimento de uma cultura pan-étnica autónoma e diferenciada.

Neste sentido, são definidos por alguns investigadores na área da antropologia e da sociologia, como Brian S. K. Kim, alguns valores culturais que são hoje comumente associados aos asiático-americanos, como o colectivismo, a conformidade com as normas, auto-controlo emocional, reconhecimento familiar, respeito filial e humildade (Kim et al, 1999). Contudo, estes estudos devem ser olhados com desconfiança, já que generalizam algo tão individual como valores, sendo que não devem ser tidos em conta como representativos de todos os asiático-americanos. Tal como aconteceu no passado, estas generalizações poderão ser o ponto de partida para o estereótipo e discriminação.

Os asiático-americanos sempre foram alvo de falsas representações. Como explica Lee: “Six images- the pollutant, the coolie, the deviant, the yellow peril, the model minority, the gook- portray the Oriental as an alien body and a threat to the American national family”. (Lee, 1999: 6). A ideia de “pollutant”, isto é, de algo que não pertence, o que está fora do lugar, surge aquando da imigração dos chineses para Califórnia em busca de ouro. Se até então a China era significado de “exótico” para o americano, a partir do momento em que estes chineses se fixam, por tempo ilimitado, em território onde “não pertencem”, passam de estrangeiros exóticos a “aliens” indesejados. A partir de 1870, quando se dá a entrada de um enorme número de chineses no país, desta vez assalariados e contratados por companhias americanas de caminhos de ferro, que surge o conceito de “coolie”, o empregado servil, que nunca se queixa e trabalha por muito menos dinheiro que qualquer outro. Para o comum americano, esta figura representava uma ameaça ao seu posto de trabalho, surgindo nesta altura um movimento, liderado por imigrantes irlandeses, para impedir os chineses de exercer funções no mercado laboral. Este fenómeno

resultou numa transformação massiva do trabalho dos chineses nos EUA, que de operários nas minas passaram a criados domésticos, já que essa era das poucas tarefas que lhes era permitido desempenhar. Esta transição para a esfera doméstica dará origem a duas representações antagónicas do homem asiático. Por um lado, acontece um processo de efeminação desta figura, tornando este homem quase assexuado e alvo de um processo de *emasculation*¹⁴. Por outro, surge também neste contexto a ideia do chinês “deviant”, um “third-sex”¹⁵ uma vez que se acreditava que a presença destes jovens chineses em casas americanas possibilitava um contacto íntimo entre estes e os seus senhores. A esta situação juntava-se a chegada forçada de muitas mulheres chinesas para o mercado da prostituição nos EUA, o que reforçou o receio público da possibilidade de existir intimidade inter-racial. Como refere Elaine Kim, os asiático-americanos eram assim olhados enquanto “helpless heathens, comical servants, loyal aliens and, only in the case of women, exotic, sex objects imbued with an innate understanding of how to please (...)” (Kim, 1995:197). A este fenómeno social segue-se um período de aquisição de territórios e colónias nas Caraíbas e Pacífico que levam a que no início do século XX, o asiático-americano seja representado enquanto uma ameaça à sociedade americana e “raça branca”, um “yellow peril”.

É apenas no final dos anos 60 que surge um novo estereótipo ligado ao grupo, aparentemente não tão pejorativo: o mito da minoria modelo. O termo foi utilizado pela primeira vez por William Peterson no artigo “Success Story: Japanese American Style”, publicado numa edição de 1966 da New York Times Magazine. O sociólogo baseia a explicação do mesmo tendo por base um certo determinismo cultural, aquilo que algumas correntes sociológicas e antropológicas defendem enquanto “valores culturais tipicamente asiático-americanos”, tais como a importância da disciplina, da família e do trabalho árduo. O conceito de Minoria Modelo começa, desta forma, a ser desenvolvido durante uma época em que um grande número de asiáticos com elevados níveis de educação e qualificação chega ao país e, ao mesmo tempo, no contexto do nascimento de grande número de

¹⁴ Este efeminação do homem asiático-americano será muito criticada na década de 70 por Frank Chin na sua antologia *Aiiieeee!*.

¹⁵ Termo para designar uma ambiguidade sexual potencialmente subversiva.

elementos da segunda geração. Este conjunto de factores leva a que seja apenas no final da década de 70 que o mito da Minoria Modelo consolida a sua presença na percepção da sociedade americana. Começam, consequentemente, a surgir em vários *media* americanos, como a U.S News, a Fortune ou a Time, histórias de sucesso ligadas sobretudo aos sino-americanos e nipo-americanos. Estas reportagens noticiavam os bons resultados académicos e a boa integração destes grupos étnicos na sociedade americana, retratando-os como capazes de ultrapassar o racismo e estereótipos ligados à sua comunidade. A cobertura dos *media* contribuiu, desta forma, para uma alteração de percepções sobre os asiático-americanos na sociedade americana, agora menos negativa. Começa a desenvolver-se a partir desta altura a ideia de que os asiático-americanos são politicamente silenciosos, trabalhando arduamente para o sucesso, sem se queixar. Assiste-se também, a partir dos anos 80, ao aumento exponencial do sucesso dos asiático-americanos, muitos já de segunda geração, nas universidades e no mercado de trabalho.

A ideia da existência de uma Minoria Modelo, de um grupo culturalmente condicionado para o sucesso veio também retirar força ao movimento dos direitos civis no caso asiático-americano, já que supunha que este grupo, afinal, não sofria com desvantagens cívicas ou discriminação como outras minorias menos “preparadas”. Politicamente, a criação deste mito da Minoria Modelo serviu para criticar e desencadear rivalidades entre asiático-americanos e outras minorias, nomeadamente o caso dos afro-americanos. Se o sucesso era uma questão de cultura, então significava que a cultura afro-americana não era suficientemente boa. Além disso, a ideia de que existe um *American dream* foi reforçada, já que existiam provas de que a América continuava a ser a terra das oportunidades para todos os imigrantes que se esforçassem por nela se integrar e assimilar. O mito da Minoria Modelo levou, desta forma, à percepção de que os asiático-americanos não partilham os problemas e necessidades de outras minorias, bem como prejudica a relação dos primeiros com os últimos.

Além de este mito ignorar os asiático-americanos de classe trabalhadora e humilde, bem como os refugiados, criou no grupo uma imagem falsa de

prosperidade e sucesso que acabou por criar estereótipos e expectativas irrealistas sobre e para os mesmos. Isto aconteceu porque a ideia de sucesso entre os asiático-americanos foi genericamente explicada com base nos seus valores culturais, como a (suposta) crença no trabalho árduo. Estas expectativas e percepções vão influenciar particularmente a construção da identidade da segunda geração.

Durante os anos 80 o discurso também acaba por se alterar no que diz respeito à sua faceta comparativa, sendo que o sucesso dos asiático-americanos é comparado ao dos americanos e não ao de outras minorias étnicas. O sucesso dos asiático-americanos é, contudo, alvo de racismo nesta altura, sobretudo devido às altas taxas de asiático-americano no ensino superior e ao declínio económico dos EUA face a ascensão do Japão, o que desencadeou uma onda de inveja e discriminação na sociedade americana. Além disso, o facto de a América sair derrotada na Guerra do Vietname e desse facto resultar um grande declínio económico leva também a uma subversão do sucesso asiático na América e surge a figura do “gook”, já referido anteriormente, uma representação do asiático-americano enquanto sub-humano e, como Lee descreve, um “invisible enemy and the embodiment of inauthentic racial and national identities.” (Lee, 1999:11)

Ainda hoje a imagem do asiático-americano é alvo de estereótipos e os valores culturais continuam em grande parte a ser utilizados como explicação para o seu sucesso. Estes estudos continuam, porém, a ignorar a população asiática-americana humilde trabalhadora, bem como os refugiados asiático-americanos, que contradizem o mito.

1.3 A segunda geração de asiáticos-americanos: a experiência asiático-americana contemporânea

Os membros da segunda geração de imigrantes nos EUA¹⁶ estão em constante negociação entre o seu *background* étnico e cultural e a integração na sociedade americana. Esta dualidade, sempre presente na construção identitária dos

¹⁶ Uma vez que a experiência da segunda e terceira gerações será semelhante, nesta dissertação utilizar-se-á o apenas o termo “segunda-geração” para referência a ambas, de forma a facilitar o discurso.

asiático-americanos de segunda geração, recupera de certa forma, como analisado por Juliana Chang, “the figure of the tragic mullato/a in the nineteenth century”(Chang, 2007:868), já que partilha dos mesmos anseios, conflitos internos e externos em relação à construção e afirmação da identidade. Além da família e dos factores individuais, o contexto de recepção dos pais vai influenciar a experiência dos filhos. Uma grande parte da sua experiência será, desta forma, condicionada pelo capital económico, social e intelectual dos seus pais, bem como pelas suas experiências migratórias. A sua própria definição de identidade étnica, juntamente com a forma como esta é construída pela sociedade, serão também decisivas na sua construção identitária.

Uma grande parte desta segunda geração irá viver em comunidades maioritariamente brancas e os seus contactos serão sobretudo americanos brancos, fluentes em inglês.¹⁷ A experiência do asiático-americano de segunda geração será assim diferente consoante o local de residência e crescimento, uma vez que pessoas que cresceram em bairros maioritariamente brancos americanos terão uma experiência e percepção identitária diferente daquelas que cresceram em enclaves ou *ghetos*.

Há uma grande parte da segunda geração de asiático-americanos que sabe muito pouco sobre os países de origem, sobretudo no que diz respeito à questão da língua. Ao contrario do seus pais, a segunda geração tem pouca ligação ao local de origem e não o percebem como um local a regressar (Portes, 2001) e tem maior probabilidade de se aculturar à América e menor de manter os valores da terra de origem (Talbani e Hasanali, 2000). A segunda geração está sempre em negociação entre dois mundos e para as mulheres este conflito poderá ser ainda maior (Gupta 1998). O facto de a condição feminina implicar grandes diferenças entre os dois contextos, sobretudo no que diz respeito à autonomia e independência, poderá representar uma fonte de conflito entre pais e filhos.

As diferenças linguísticas irão ser também uma forte influência no conflito entre gerações, já que muitas vezes a falta de domínio da língua inglesa pelos pais, bem como o desconhecimento ou falta de proficiência da língua de origem pelos

¹⁷ Min Zhou. *Are Asian Americans Becoming “White”?*. Context, 3 (1) 2004. P.35

filhos, irá resultar em falhas de comunicação. Mesmo que compreendam os pais, a sua comunicação com estes será maioritariamente em inglês. Estes indivíduos, como explicam Alejandro Portes e Min Zhou “are far more likely to be bilingual than their native counterparts.”(Portes & Zhou, 1993:78). Os filhos servirão, por isso, muitas vezes de tradutores para os pais, na sociedade Americana.

Esta geração já nasce a saber que é identificada enquanto asiática-americana, o que pode criar uma maior adesão destes com o termo, nem que seja em termos políticos e sociais. Le Espiritu refere que quem adere melhor à pan-etnicidade são os asiático-americanos nascidos na América, educados no contexto americano e de classe-média, já que não são tão conscientes da sua origem nacional como os imigrantes de primeira geração. Estas pessoas já nascem com a percepção de que pertencem à categoria “Asian”, pelo que a identificação com o termo poderá ser maior. Segundo o autor, os laços culturais e a identificação pan-étnica surgem apenas após a consciencialização de que é o termo “asiático-americano” serve para propósitos políticos e sociais. Gans sugere que a identidade étnica, sobretudo a partir da segunda geração de imigrantes, é mantida de uma forma simbólica, podendo deixar de representar uma fonte de conflito. “Symbolic ethnicity can be expressed in a myriad of ways” , acrescentando que, acima de tudo a mesma é “characterized by a nostalgic allegiance to the culture of the immigrant generation, or that of the old country; a love for and pride in a tradition that can be felt without having to be incorporated in everyday behavior.” (Gans, 1979:9)

A forma como a segunda geração se vai adaptar ao contexto americano será completamente heterogénea. Como explica Lisa Lowe: “Asian Americans are born in the United States and born in Asia; of exclusively Asian parents and of mixed race; urban and rural; refugee and nonrefugee; communist-identified and anticommunist; fluent in English and non- English speaking; educated and working class”(…) with its cohesion complicated by intergenerationality, by various degrees of identification and relation to a “homeland” and by different extents of assimilation to and a distinction from a “majority culture” in the United States”. (Lowe, 2005:258)

Como refere Herbert Gans, estes jovens vão sentir dupla pressão para se aculturar, seja pela via formal, na escola e outras instituições, seja pela via informal,

através dos pares e media. (Gans, 1992). A sua assimilação à cultura americana será facilitada ou desencorajada por factores como as estruturas económicas e o racismo (Gans 1992; Portes and Rumbaut 1996; Zhou 1997), mas também pela abertura dos seus pais a essa assimilação. Ao mesmo tempo que se preocupam com o facto de os filhos poderem perder qualquer referência étnica e cultural ao país de origem, os pais também desejam que estes atinjam o sucesso na sociedade americana.

Estes jovens desejam pertencer ao mesmo mundo que os seus pares americanos e ao mesmo tempo sentem que tal não é possível devido ao seu *background* étnico. Como refere Zhou: “members of the younger generation are anxious that they never become “American” because of these intrinsic family ties”. (Zhou, 1997:84) Consequentemente, acontecerá, muitas vezes, uma rebelião e confronto com os pais e as suas expectativas, bem como uma assimilação aos valores americanos. Se estes jovens experienciarem algum tipo de discriminação da sociedade americana, terão ainda maior probabilidade de criar tensões em casa¹⁸.

Esta segunda geração vai assim ser alvo de conflitos intergeracionais, cuja intensidade será aumentada devido ao *gap* cultural e étnico entre pais e filhos. A forma como a segunda geração lida com a cultura de origem será, desta forma, muito diferente da dos seus pais. O que acontece é que estes jovens irão não copiar, mas absorver de forma própria esta cultura, que lhes chega através de histórias dos pais, e recriá-la. Este fenómeno será particularmente visível nas obras literárias de autores asiático-americanos de segunda geração.

A identidade cultural da segunda geração é fluída, está em constante transformação e é dependente do contexto cultural. Como explica Stuart Hall:

“Cultural identity, in this second sense, is a matter of 'becoming' as well as of 'being'. It belongs to the future as much as to the past. It is not something which already exists, transcending place, time, history and culture. Cultural identities come from somewhere, have histories. But,

¹⁸ Min Zhou, *Growing up American: The Challenge Confronting Immigrant Children and Children of Immigrants*, Annu. Rev. Sociol., 1997, 23, P. 85

like everything which is historical, they undergo constant transformation.”. (Hall, 1990:225)

As semelhanças físicas entre os diferentes grupos étnicos, sobretudo no caso dos indivíduos provenientes do este asiático, levam a que todos eles sejam sujeitos ao mesmo tipo de discriminações e estereótipos. Além disso, a sua fisionomia irá nega-lhes também a “legitimação” pública da sua cidadania americana, pois por muito que se identifiquem com a cultura e sociedade dominantes, o seu aspecto envia uma mensagem contrária. Neste sentido, Amy Ling refere que: “Their facial features proclaim one fact –their Asian ethnicity –but by education, choice or birth they are American” (Ling, 1990:20). Os membros de segunda geração irão lidar, desta forma, com a dupla questão de, como Qing Li, refere: ““being ethnic” and “being racial” always intertwines in Asian immigrants’ identity” since “Asian Americans are both racial minorities *and* ethnic American” (Li, 2012:42). A identidade étnica dos asiático-americanos, sobretudo no caso dos descendentes do este asiático, está muito ligada à sua identidade racial, pelo que a sua construção de identidade pessoal é bastante complicada e sujeita a factores não só internos como sociais. Esta segunda geração será assim sempre percepcionada através de esterótipos, uma vez que por muito que sinta que a sua identidade é americana, a sua aparência física será sempre disruptiva na sociedade *mainstream*. A discriminação que poderão sentir irá influenciar a sua auto-percepção e construção identitária . Segundo Kibria (2002), raça e etnicidade aparecem muitas vezes interligadas na percepção da maioria da sociedade americana. Este fenómeno terá o seu papel influenciando a construção de identidade, seja por factores internos ou externos. O processo de construção identitária da segunda geração varia assim conforme os indivíduos, podendo variar, segundo Portes e Zhou, entre uma “smooth acceptance” e uma “traumatic confrontation” (Portes&Zhou, 1993:75).

Os estereótipos e a forma como a sociedade coloca os asiático-americanos na categoria de “outro” vão afectar a identidade destas pessoas, o que revela que o contexto social possui um papel nesta construção. Investigações de Min Zhou e Yang

Sao Xiong¹⁹ concluíram que apesar da grande maioria dos filhos de imigrantes asiáticos nos EUA pretender ser parte integrante da sociedade americana, a noção pública de que a sua origem étnica não possui o mesmo *status* que a de alguém que possui uma identidade exclusivamente americana será interiorizada por estes, que são conscientes das suas desvantagens. Este fenómeno, que começa de forma externa e pública, repercute-se internamente, na auto-percepção da segunda-geração, criando conflitos de identidade. O contexto, neste caso a América, será então essencial para moldar a identidade desta geração. Como refere Richard Jenkins: “identity must be constructed as a proper subject for theorization in such a way as to allow for the inclusion of individual and collective identities within a unified analytical framework acrescentando que “even the most private of identities is not imaginable as anything other than the product of a socialized consciousness and a social situation” (Jenkins, 1994:219).

Segundo estudos na área da sociologia, a educação é um factor muito importante para o típico imigrante asiático nos EUA. O sucesso escolar é mesmo um dos maiores indicadores de uma boa adaptação ao contexto de chegada, e está tão relacionado com as capacidades cognitivas do indivíduo como com os recursos sociais e económicos da sua família²⁰. A propósito desta condição, Lee refere: “The biggest predictor of a child’s success is parental education,” Lee notes. “If your parents are college-educated, the likelihood of you going to college and graduating is very high.”(Lee, 2015). A educação é percebida por uma grande maioria da primeira geração, como a melhor forma de superar barreiras raciais e sociais, o que levará os pais a exercer uma enorme pressão sobre os filhos neste sentido. Contudo, este processo irá criar algumas dúvidas identitárias à segunda-geração, cujas expectativas de sucesso poderão ter apenas fundamento nas expectativas dos pais e não nas suas próprias.

Não obstante a evidência de que uma boa educação poderá facilitar o

¹⁹ Na obra: Min Zhou & Yang Sao Xiong. *The multifaceted American experiences of the children of Asian immigrants: Lessons for segmented assimilation*. Ethnic and Racial Studies Vol. 28 No. 6. pp. 1119/1152

²⁰ Min Zhou. *Growing up American: The Challenge Confronting Immigrant Children and Children of Immigrants*. Annu. Rev. Sociol. 1997. 23. P. 79

caminho do sucesso, o facto de se associar esta ideia aos asiático-americanos poderá ter fundamento no mito da Minoria Modelo, pelo que quaisquer generalizações serão abusivas. Como anteriormente referido, este estereótipo é associado principalmente à segunda geração, sendo a sua influência mais forte neste grupo que no dos seus pais. Embora no final dos anos 70 se tenha começado a falar do impacto negativo deste mito sobre a segunda geração, ainda hoje este estereótipo não é percepcionado como possuindo uma carga tão negativa como o de outras representações discriminatórias do passado. Contudo, a verdade é que esta situação veio reforçar a ideia de “outro” em relação aos asiático-americanos, já que a sua premissa continua a basear-se na diferença cultural e de valores entre duas civilizações.

Uma vez que esta dissertação incide sobre três diferentes grupos étnicos, é de salientar algumas das particularidade de cada um deles, no que diz respeito a eventuais distinções que possam ser observadas nos elementos de segunda geração. Por exemplo, os indiano-americanos de segunda geração crescem com uma maior presença da cultura de origem, já que, uma vez que a maioria é filho/a de imigrantes de que chegam aos EUA após 1965. O contacto com a Índia é bastante facilitado, seja através das viagens ou das formas de comunicação em tempo real com quem se encontra no país (telefone, internet). Já para analisar sino-americanos e coreano-americanos de segunda geração há que considerar que muitos dos seus pais chegaram aos EUA antes de 1965 (sobretudo no caso dos chineses) e a sua experiência imigratória será muito diversificada. Tanto podem existir casos em que existe um corte total com o país de origem como não, se essa imigração for mais recente. Assim, a construção de uma comunidade e a intensidade com que essa relação acontece irá depender de várias variáveis, desde habitar ou não um enclave, ao domínio da língua inglesa e quais as condições socioeconómicas. Contudo, independentemente deste factores, os pais mantêm, como acontece com todos os asiático-americanos, uma ligação, por muito ténue que seja, à cultura de origem, que será ensinada aos filhos. Esta ligação e transmissão é que poderá variar conforme a família em questão.

II. O panorama literário asiático-americano: ontem e hoje

Introdução

Após uma análise da história da imigração asiático-americana, escrutinar-se-á neste segundo capítulo a forma como os estudos culturais e literários asiático-americanos acompanharam esta evolução histórica, bem como as alterações a que têm sido sujeitos, desde o momento em que experienciam o seu *boom* na década de 60, até à contemporaneidade.

Desta forma, serão abordadas as diferentes fases que constituem a literatura asiático-americana, quais as motivações dos seus autores e quais as obras mais marcantes de cada corrente. Traçar-se-á uma visão geral relativa às temáticas de fundo que levaram ao aparecimento desta literatura e as mutações que esta sofre ao longo do tempo. Neste contexto, serão também apresentadas as razões pelas quais o conceito “literatura asiático-americana” não deve ser percepcionado enquanto categoria fechada e homogénea.

Será também investigada a razão da questão identitária ser tão premente na literatura asiático-americana, estando a mesma presente nestas narrativas desde a sua génese. Se, inicialmente, os autores asiático-americanos se sentiram impelidos a desconstruir certos estereótipos e a promover a “verdadeira” identidade asiático-americana, para os seus pares contemporâneos torna-se necessário discutir questões relacionadas com identidades fraturadas e híbridas.

Uma vez que serão tratadas, nesta dissertação, obras que integram diferentes sub-categorias da literatura asiático-americana, nomeadamente a sino-americana, coreana-americana e indiano-americana, realizar-se-á uma perspectiva evolutiva sobre cada uma delas. Desta forma, serão analisados os seus objectos de estudo e preocupações, bem como apresentados alguns dos seus autores-chave, com destaque para aqueles cujas obras constituem o *corpus* desta dissertação.

2.1 Estudos culturais e literários asiático-americanos: uma introdução

Desde a década de 60 que a área dos estudos asiático-americanos se tem

vindo a desenvolver, sendo, contudo, distinguidos diferentes enfoques ao longo do tempo.

O movimento dos Direitos Civis foi o grande desencadeador de todo o progresso nesta área, uma vez que catapultou para a esfera pública americana a necessidade de afirmação das minoria étnicas nos EUA, entre as quais os asiático-americanos. Todavia, é também de destacar a influência de outros acontecimentos contemporâneos desta época, tais como a Guerra do Vietname e o Movimento *Black Power* no processo. Consequentemente, no final dos anos 60, múltiplas manifestações de estudantes activistas em São Francisco e na Universidade de Berkeley a reivindicar maior atenção por parte da academia²¹, o que levou ao aparecimento dos primeiros programas interdisciplinares em estudos étnicos, entre os quais asiático-americanos.

Neste sentido, durante os anos 70, destaca-se um enorme desenvolvimento dos estudos culturais asiático-americanos, sendo que o currículo dos programas universitários nesta área se alarga para diferentes áreas como as artes, questões de género ou relações interpessoais. Por conseguinte, em 1979 é também fundada a *Association for Asian American Studies*, cuja missão é promover os estudos asiático-americanos nas universidades americanas.

Os estudos culturais asiático-americanos continuam na contemporaneidade a desenvolver-se, nomeadamente no caso dos estudos literários, que hoje integram o currículo de muitas instituições de ensino superior na América. Esta é uma área fluída, em permanente mutação, e cuja nomenclatura é hoje contestada exactamente devido à fluidez e heterogeneidade que o conceito engloba. Embora o seu aparecimento esteja bastante ligado a questões políticas e sociais, hoje são variadas as motivações dos autores que a integram.

É, consequentemente, possível dividir os estudos literários e culturais asiático-americanos em três diferentes fases, que embora possuam maior prevalência em certas épocas da história, embora não se limitam às mesmas. David

²¹ Estas manifestações decorrem da fundação da Asian American Political Alliance em Berkeley em 1962. Serão chamadas de Third Worl Liberation Strikes e irão desafiar o currículo eurocentrista, exigindo maior presença de estudantes de origem étnica nas Universidades, maior integração de estudos étnicos nos currículos universitários e ainda o fim da Guerra do Vietname.

Lewei Li distingue, desta forma, a fase cultural nacionalista, desde finais de 1960 até finais dos anos 70, contemporânea do movimento dos direitos civis e da respectiva necessidade de afirmar a identidade asiático-americana; a fase feminista, a partir de 70 e até ao final de 80, que coincide com a publicação da maioria das obras de cariz feminista; e a fase “Heteroglossia”, uma corrente transnacional e diaspórica, que surge a partir de 80 com a proliferação de obras escritas por autores descendentes de um leque variados de origens asiáticas, e que se mantém na actualidade (Li, 1998:185-186). As três obras em estudo nesta dissertação estão englobadas nesta última fase²², pelo que a mesma será alvo de uma análise mais completa que as restantes nos pontos seguintes.

Embora sejam hoje definidas determinadas correntes literárias asiático-americanas, o espólio literário tem tendência a englobar um cada vez maior espectro de narrativas e temas, o que lhe confere uma enorme plasticidade e fluidez. Dada a enorme heterogeneidade da comunidade asiático-americana é de esperar que a literatura produzida por este grupo reflecta essa mesma característica.

2.2 A literatura asiático-americana: um percurso histórico pelas suas origens e motivações até à contemporaneidade

Acompanhando o percurso da literatura asiático-americana, desde os seus primórdios até à contemporaneidade, é possível perceber que esta se foi actualizando e reinventado conforme a entrada de determinados grupos étnicos nos EUA e respectiva publicação de obras literárias produzidas por autores pertencentes a cada um deles.

Actualmente, os próprios autores asiático-americanos começam, a ter alguma dificuldade em categorizar as suas obras e em definir o seu espectro, já que a definição das suas obras pode ser alvo de diferentes terminologias. Desta forma, um

²² Embora *The Joy Luck Club* de Amy Tan também se inclua na fase feminista, não deixa de lidar com as temáticas e preocupações da corrente transnacional, pelo que representa um objecto de estudo com interesse para esta dissertação.

autor indiano-americano tanto pode produzir uma obra que é englobada na literatura indiano-americana, sul asiático-americana ou asiático-americana.

Contudo, quando se tem em linha de conta o início do século XX, esta heterogeneidade e respetivos desafios não são ainda uma realidade. Nesta época, a literatura asiático-americana disponível era limitada no que diz respeito ao espectro de origens que englobava, sendo constituída sobretudo por obras sino-americanas e nipo-americanas. Todavia, se até recentemente esta prática se manteve, hoje assiste-se à sua expansão, passando a mesma a englobar também textos de escritores descendentes do sul e sudeste asiático, bem como de ilhas do Pacífico.

Já a crítica contemporânea continua a focar-se essencialmente nas obras de autores descendentes do este asiático, o que pode revelar o quão fortemente está ainda ligado o conceito “asiático-americano” a estas etnicidades e origens. Aliás, este termo começa a ser utilizado apenas depois de várias décadas em circulação do termo “oriental”, fortemente conotado com o este asiático, para se referir a americanos com ascendência nesta região.

A literatura asiático-americana surge exactamente enquanto meio para derrubar estereótipos e falsas representações criados pelo Imperialismo e oriundas da tradição orientalista²³. A obra *Madame Butterfly*²⁴ pode ser referenciada como um bom exemplo desta corrente, já que irá explorar o lado exótico do Oriente e promover uma imagem submissa da mulher asiática.

Consequentemente, a crítica literária asiático-americana irá denunciar a imagem estereotipada do asiático-americano na cultura e literatura *mainstream* americana. Três importantes antologias marcam o princípio da denuncia contra as falsas representações sobre os asiático-americanos: “Asian-American Authors” (Hsu, 1972), “Asian-American Heritage” (Wand, 1974) e “Aiiieeee! An Anthologie of Asian American Writers” (Chin, 1975).

É, desta forma, que se dá início à fase cultural nacionalista, anteriormente

²³ Termo que após publicação da obra *Orientalism* (1978) de Edward Said passou a ser utilizados por muitos académicos para categorizar a atitude paternalista com que o ocidente trata as sociedades orientais e que serviu para justificar o imperialismo.

²⁴ *Short story* de John Luther Long (1898) na qual se irá inspirar Giacomo Puccini para criar a ópera com o mesmo nome em 1903.

referida, cuja preocupação será promover a ideia de “verdadeira” identidade asiático-americana, de forma a combater a marginalização e os estereótipos. Tornou-se, desta forma, necessário estabelecer parâmetros para definir a identidade asiático-americana, de forma a ser possível defendê-la e promovê-la. Consequentemente, é possível observar nas obras incluídas neste primeiro movimento uma crítica literária marcada por um forte cariz político e social, demarcando-se de forma notória a sua agenda anti-orientalista. Neste sentido, Frank Chin, Jeffery Paul Chan, Shawn Wong e Lawson Fusso Inada vão editar em 1974 a antologia *Aiiieeee! An Anthology of Asian American Writers*, que irá reunir obras que promovam aquilo que consideravam ser “verdadeira” experiência asiático-americana, tais como como *Eat a bowl of tea* (1961) de Louis Chu, *No-no Boy* (1957) de John Okada ou *America is in the Heart* (1946) de Carlos Bulosan. No ponto de vista dos críticos desta época, estas obras irão não só apresentar narrativas “autênticas” sobre a experiênciados asiático-americanos, como denunciar a história de discriminação e abusos a que a comunidade foi (e continuava a ser) sujeito na sociedade americana. Por outro lado, será também enfoque deste grupo, sobretudo na sequência *The Big Aiiieeee!* (1991), a promoção de uma mudança de paradigma sobre a masculinidade asiático-americana, assombrada pelo estereótipo da *emasculation* que confere a este homem um perfil desprovido de masculinidade e efeminado. Como refere King-Kok Cheung, “this sequel presents selected Chinese and Japanese heroic epics as the sources of the “Asian heroic tradition” and maintains that “authentic” Asian American writing must hark back to these heroic tales (...).”(Cheung, 1997:11)

Tal como a corrente cultural nacionalista, também a fase feminista irá surgir enquanto resposta a falsas representações e imagens estereotipadas criadas pela tradição orientalista na sociedade americana, desta feita em relação à mulher asiática e asiático-americana. Este movimento denunciará também o sexismo e a falta de atenção dada ao género feminino na corrente nacionalista. Maxine Hong Kingston, com a sua obra *The Woman Warrior* (1976), é um dos exemplos máximos desta corrente que também inclui a obra *The Joy Luck Club* (1988) de Amy Tan. Contudo, ambas as autoras serão duramente criticadas por Frank Chin e restantes

autores de *The Big Aiiieeee!*²⁵. Estes, além de as acusarem de cumplicidade com os estereótipos da sociedade americana na criação de falsas imagens sobre o homem asiático e asiático-americano, denunciam também a falta de autenticidade das suas obras no que diz respeito à tradição, mitos e lendas da cultura asiática e asiático-americana. Por outro lado, críticas feministas como Elaine Kim ou King-Kok Cheung irão defender estas obras, destacando que o seu combate à perspectiva androcêntrica na literatura asiático-americana é tão necessário como a destruição do estereótipo da *emasculation*. Como explica Cheung: “The hyperfeminization of Asian women in popular american culture, for instance, is no less demeaning than the emasculation of Asian American men and is in as much need of refutation”. (Cheung, 1997:11)

Será apenas a partir dos anos 80 que irá surgir a, anteriormente mencionada, fase “Heteroglossia”, uma corrente que engloba não só uma grande heterogeneidade de obras, no que diz respeito à origem e motivações dos seus autores, como uma grande parte das obras produzidas pela segunda geração de autores asiático-americanos. Contudo, embora estas novas representações incluam experiências heterogêneas, continuam a existir temas em comum, como a discriminação e alienação nos EUA.

O foco da literatura asiático-americana alterou-se a partir desta altura e a necessidade de afirmação da nação e identidade asiático-americana deu lugar a questões como a identidade híbrida, a alienação e os conflitos culturais e intergeracionais. Surgem neste contexto perspectivas mais transnacionais e diaspóricas, resultado da entrada de novos grupos étnicos multiculturais e cosmopolitas nos EUA, como é caso de autores proveniente do sul e sudeste asiático, tais como Bharati Mukerjee e Meena Alexander.

É também a partir do final de 80 que irá surgir um corpo crítico robusto, o que sugere que somente um pequeno número de autores asiático-americanos consegue publicar os seus trabalhos até então, resultado de um mercado editorial

²⁵ Embora esta crítica aconteça apenas em 1991, a mesma será feita sob o prisma da corrente cultural nacionalista, o que prova que estas correntes, embora mais presentes em certas épocas, se manifestam em diferentes períodos, como mencionado anteriormente.

pouco receptivo. São, dessa forma, publicados nesta época vários ensaios e obras de autoria de críticos como Lisa Lowe (1991), R. Radhakrishnan (1994) e King-Kok Cheung (1997) que apresentam uma visão transnacional, tendo em conta a heterogeneidade presente na literatura asiático-americana.

No início dos anos 90, uma grande parte da literatura asiático-americana começa a ser produzida por asiático-americanos nascidos nos EUA, muitos deles descendentes da geração que imigra em 60. Estes serão indivíduos bem integrados na sociedade americana e com total domínio do inglês. As suas obras serão um espelho da sua vivência entre dois mundos, a América do seu presente e a Ásia do passado dos pais. *Typical American* (1991) de Gish Jen e *China Boy* (1991) de Gus Lee são exemplos de obras desta nova geração de autores, cujo enfoque se faz nesta questão da identidade dupla ou fraturada.

Após esta breve análise histórica, é possível compreender que a literatura asiático-americana não possui uma tradição literária única ou homogênea, uma vez que os seus autores não partilham das mesmas narrativas, tradições, cultura ou língua. E embora muitas vezes estas diferenças não sejam sublinhadas pelos próprios autores, a própria academia trata de agrupar todos eles sob o “chapéu” da categoria “literatura asiático-americana”, ignorando eventuais distinções entre origens. Esta prática é questionável, uma vez que ignora as heterogeneidades, o que, segundo Lisa Lowe, “essentializes Asian American Culture, obscuring the particularities and incommensurabilities of class, gender, and national diversities among Asians” (Lowe, 2005:256). Desta forma, será sensato interpretar a literatura asiático-americana enquanto categoria elástica, sendo que a tendência é que, à medida que as experiências que representam divergem, esta se torne cada vez mais heterogênea. Como refere Shirley Geok-Lin:

“Ultimately, this diversity has, at its core, transnationalism -- a global movement of cultures, people and capital. This new phenomenon has caused writers to create new identities for people -- and for themselves. The Asian American rubric is a melange of emigres, refugees, exiles and immigrants who have been coming to the United States for decades, continuing to write and be published here.”(Geok-Lin, 2000:22).

Por conseguinte, não deverá reduzir-se a literatura asiático-americana contemporânea a uma categoria estanque no tempo e no espaço, já que a mesma reúne a história e as histórias de uma comunidade que, como Geok-Lin caracteriza, é “diasporic, mobile, transmigratory(...) with a different language and cultural stock, different value and belief systems, and different notions of literary aesthetics, albeit most largely mediated through the English language.”(Geok-Lin, 2004:1). Tal como a comunidade que a produz ou por ela é representada, a literatura asiático-americana não é homogénea. A tentativa de transformar a literatura asiático-americana num conceito fechado, tendo em conta a fluidez e mutabilidade que a constituem “will always result in incomplete narratives.”(Geok-Lin, 2004:2)

Embora heterogénea, a literatura étnica tende a abordar, ao longo do tempo, certos temas, políticos e sociais, resultante de uma história comum de inadaptação e discriminação. Como comenta Tommie Adrianne Sears: “Asian American literature, regardless of ethnic associations, is unified in that it brings attention to the impact of racial difference on the Asian American Object.”(Sears, 2006:18)

Contudo, a tradição em lidar com temas relacionados com a experiência asiático-americana trouxe alguns problemas aos autores asiático-americanos, tanto no que diz respeito ao prisma sob o qual são analisadas, como em relação às expectativas que criam. Em relação à primeira questão, uma vez que em muitas das obras são tratadas questões como a perda, alienação, crises interculturais e geracionais, bem como conflitos identitários, estas acabaram por ficar conotadas como objectos históricos e sociais relativos ao grupo a que se referem, menosprezando-se o seu lado literário. Isto é, o leitor procura estas obras não no sentido de conhecer as suas personagens e respectivas narrativas, mas com o intuito de saber como vive e quais os hábitos de determinado grupo étnico. Por outro lado, em relação à segunda questão, o facto de estes autores serem de ascendência asiática e muitas das suas narrativas abordarem questões relacionadas com a sua identidade étnica, leva a que seja esperado pelo público, e até pelo mercado editorial, que estes produzam apenas literatura étnica. Além disso, muitas vezes apenas o facto de a narrativa apresentar personagens cuja identidade é a mesma da do autor, basta para que sejam analisadas enquanto reflexo da sua própria

experiência, quando muitas vezes não têm nada de autobiográfico. É por isso, que muitos autores asiático-americanos recusam este rótulo e apesar da sua ascendência abordam temas que não estão imediatamente relacionados com temas étnicos nas suas obras, como é o caso de Chang-Rae Lee²⁶. Por outro lado, é também importante salientar, que embora uma grande parte da literatura étnica seja realmente produzida por autores imigrantes ou descendentes de imigrantes, tal não significa que um autor exclusivamente americano não possa também escrever sobre estes temas. Desta forma, qualquer correlação directa entre etnicidade e estilos ou movimentos literários é precipitada, já que tal associação poderá ser perigosa e limitativa, acabando por criar estereótipos e barreiras à própria criação literária.

Contudo, os contextos históricos, sociais e culturais a que estes autores são sujeitos poderão ser fortes influenciadores dos seus textos, tal como acontece com qualquer escritor, étnico ou não. É por isso, que ainda hoje, autores pertencentes a diferentes gerações de imigrantes continuam a abordar temáticas relacionadas com a experiência étnica e migratória na América. Não tanto enquanto *agenda* política e cultural como no passado, mas para ficcionalizar temas relacionados com a sua própria experiência.

As narrativas criadas pela segunda geração de autores asiático-americanos, muitas delas com base na experiência do próprio autor, serão reflexo não só da sua etnicidade, como do seu olhar americano, pelo que, como refere Cheung, “at once serve as representatives of ethnic literature and as models of assimilation into the dominant” (Cheung, 1997:18). Desta forma, não deve esperar-se uma representação 100% fiel da cultura de origem, já que o olhar destes autores é, não só, também o olhar de um americano²⁷, como aquilo que lhes chega sobre a origem data da época em que os pais lá habitavam. A imagem que os pais terão do país de origem será por isso uma fotografia, uma realidade congelada, que muitas vezes não se verifica

²⁶ Um exemplo é o romance *Aloft* de Chang-Rae Lee, uma sátira que se passa nos subúrbios norte-americanos e é narrada por um homem branco de meia idade, sem qualquer relação com questões de etnicidade ou identidade.

²⁷ Isto significa que esta segunda-geração também não irá compreender totalmente a cultura de origem, sendo que, por vezes, a mesma lhes parecerá tão diferente e exótica como a qualquer outro americano. Por outro lado, também os preconceitos da sociedade americana influenciarão esta geração, sendo que uma das consequências desta influência será o facto de olharem para a sua cultura de origem (e para si próprios) enquanto “outro”.

quando os filhos já são adultos, existindo, desta forma, uma dissonância entre as expectativas criadas na segunda geração sobre a origem e a realidade que efetivamente lá encontram²⁸. Desta forma, a não será aconselhável deduzir que a cultura asiático-americana presente nestas obras seja uma cópia fiel da cultura asiática, mas sim observá-la enquanto um *mix* entre a cultura de origem, a forma como esta foi transmitida, o contexto americano e o próprio contexto pessoal.

Enquanto americanos, estes autores conseguem, através das suas narrativas, criar uma ligação com o leitor, que permite que este se identifique com o autor do texto, seja através da língua, do espaço geográfico ou de certas preocupações e valores conotados à identidade nacional americana dominante. A estes elementos em comum com o seu público, o autor irá associar e apresentar o seu lado étnico, a sua ascendência, que apesar da diferença, se distancia da imagem de “outro” na sua totalidade, já que também foram criados pontos de contacto e identificação.

É imperativo relembrar que grande parte destas obras são ficcionais e não documentos históricos ou antropológicos, e que as suas narrativas são criadas não por asiáticos, mas por americanos descendentes de asiáticos, cujo conhecimento da cultura de origem não será o mesmo que o dos seus ascendentes. É um conhecimento que é transmitido pelos pais, muitas vezes através de histórias e tradições que foram entretanto alteradas e adaptadas, e, além disso, percepcionadas através de um olhar americano.

Como refere Elaine Kim: “The storyteller is usually much more than a mere ethnographer or ethnic informant”. (Kim, 1997:157). Logo, é de esperar que estes textos não representem um retrato completamente fiel da etnicidade que representam, tratando-se do reflexo de experiências individuais, não representativas de toda a comunidade étnica. Ketu H. Katrak salienta que: “Even within the same ethnic group there is multiplicity rather than homogeneity, and this is often the hardest fact for any mainstream to recognize “ (Katrak, 1997:193). Contudo, quanto maior é o contacto com a cultura de origem, muito frequente no contexto

²⁸ Esta situação será particularmente visível em *The Joy Luck Club* aquando da visita de June à China. Apesar de esperar uma China comunista e fechada ao Ocidente, o que encontram são bons hotéis e a integração de elementos da cultura americana/ocidental (como são exemplo os hambúrgueres que janta).

contemporâneo devido aos avanços tecnológicos, maior será a probabilidade de dissipar mitos e estereótipos devido ao crescente conhecimento e acompanhamento da realidade de origem. Sendo os próprios autores asiático-americanos contemporâneos o resultado de uma educação étnica e um contexto americano, a forma como irão construir o seu “eu” será sempre influenciada pela hibridez da sua experiência. A forma como os autores de segunda geração exploram a questão da construção identitária nas suas obras está geralmente interligada com o contraste entre Ásia e América, os conflitos intergeracionais e as dificuldades que advêm de relacionamentos interracialis.

Neste sentido, as relações familiares, sobretudo entre pais e filhos, serão um dos temas mais comuns nas obras destes autores, servindo as barreiras culturais que se geram entre eles de metáfora para o conflito Ásia/ América na identidade dos filhos. Para uma segunda-geração que cresce entre dois mundos e cujo processo de construção identitário será alvo de conflitos internos e externos, muitas vezes, a opção aparentemente mais fácil será fugir à influência da sua origem, seja através do corte radical com a língua, com as tradições dos seus pais, ou mesmo cortando relações com estes. Contudo, esta rejeição do “eu” étnico e corte com a ascendência pode acabar por levá-los a sentirem-se alienados, já que além de sentirem a exclusão da sociedade americana, também não se identificam com a cultura na qual estão as suas raízes. Autores contemporâneos como David Mura e Chang-Rae Lee irão explorar esta questão nos seus romances. Como refere Mura:

“ Up until my late twenties, I mainly attempted to avoid dealing with my sansei identity, and tended to think of myself as a middle class white person. The result (...) was self-hatred and self-abuse (...)If I had not become self-conscious about my identity, I might have destroyed myself.” (Mura, 1994:187).

Esta atitude de “deixar na sombra” a identidade étnica poderá ser apenas uma manifestação de um processo de auto-defesa que, segundo Cheung, tem origem na tendência de agregar “Asians and Americans of Asian ancestry together”, que já no passado levou a terríveis consequências como o internamento de nipo-americanos em campos de concentração durante a II Guerra Mundial.

Desta forma, os autores de segunda geração irão explorar este tema, não só sob a perspectiva das dinâmicas familiares e internas na integração do “eu” étnico, mas também com o objectivo de denunciar a influência de certos preconceitos e estereótipos da sociedade americana neste processo. As novas representações identitárias asiático-americanas na literatura irão manter, desta forma, o objectivo de desmistificar a imagem do asiático-americano enquanto “outro”, como já o haviam feito autores de correntes anteriores. Baseando-se muitas desta narrativas na própria experiência do autor, este consegue reforçar junto do público o quão falsas e prejudiciais são estas representações, revelando, por conseguinte, as consequências internas e externas que daí advêm.

A ideia de uma identidade híbrida continua a ser, desta forma, muito explorada na literatura asiático-americana de segunda geração, o que revela que esta continua a ser preocupação e um tema que os autores contemporâneos sentem necessidade de enfrentar e solucionar.

2.2.1. A literatura sino-americana

Tal como acontece com a restante literatura asiático-americana, a literatura sino-americana surge como resposta a um contexto de exclusão e discriminação. O objectivo destas obras será reimaginar e recriar uma identidade sino-americana que reflecta a verdadeira experiência e realidade deste grupo e não os preconceitos e representações criadas pela sociedade americana *mainstream*.

As primeiras obras literária sino-americanas datam da época da corrida ao ouro da Califórnia. As obras destes autores reflectiam, por um lado as más condições de vida na China que levavam estes jovens a imigrar, e por outro, o sentimento de exclusão de que eram alvo nos EUA, resultado da percepção de que este grupo não teria capacidade de se assimilar à cultura americana. Muitas destas histórias, originalmente contadas no formato de narrativa oral, como é típico da tradição chinesa, permanecem hoje por documentar, embora o grupo de *Aiiieeee!* mencione as “wooden fish songs” na sua antologia.

Entre 1882 e 1943, o período compreendido entre o início do *Chinese*

Exclusion Act e o final do mesmo, os poucos textos que serão produzidos continuam a retratar a exclusão a que este grupo estava sujeito e incluem também os poemas que os prisioneiros em Angel Island²⁹ deixaram gravados nas suas paredes. Estes últimos foram documentados na colecção *Island* (Him Mark Lai et al.1980).

Também nesta época foram produzidos poemas em cantonês por habitantes da Chinatown de São Francisco que retratavam a vida na mesma e as suas dificuldades, sendo posteriormente documentados e traduzidos para inglês por Marlon K. Hom em “Songs of Gold Mountain: Cantonese Rhymes from San Francisco Chinatown (1987).

Com o advento da II Guerra Mundial, e a China a tornar-se aliada dos EUA, as obras de autores sino-americanos são alvo de uma maior aceitação de mercado e são publicados os textos de uma segunda geração, já nascida na América, e cujo papel será o de “mediador cultural”. São exemplo disso *Father and Glorious Descendant* (1943) de Pardee Lowe e *Fifth Chinese Daughter* (1945) de Jade Snow Wong, cujas narrativas autobiográficas são alvo de enorme receptividade no mercado editorial americano *mainstream* devido à grande abertura em relação à cultura chinesa nesta época. Todavia, os críticos de *Aiiiee!* irão denunciar a presença de uma *agenda* orientalista nas obras destes autores, acusando-os de ser complacentes com as expectativas racistas e estereotipadas do público.

Nos anos que se seguem, e apesar do *War Brides Act*, que permitirá a reunião familiar dos imigrantes sino-americanos, os sino-americanos voltam a ser os “bad asians” aquando do despoletar do comunismo chinês e do início da Guerra Fria. Desta forma, a produção literária sino-americana sofrerá as consequências, sendo poucos os textos produzidos e, ainda muitos deles sem tradução para o inglês.

É apenas em 1961, com a obra *Eat a bowl of tea* de Louis Chu que é publicado um romance sino-americano em inglês. A narrativa debruça-se sobre uma história de amor na *Chinatown* de Nova Iorque. Esta obra será muito bem recebida pela crítica sino-americana, já que reflectia uma grande autenticidade e honestidade perante a experiência asiático-americana, que outros romances, como *The Flower Drum Song*

²⁹ Centro de detenção que monitorizou sobretudo imigrantes chineses após o Acto de Exclusão.

de C.Y. Lee, não possuíam.³⁰

A Era dos Direitos Civis e a Guerra do Vietname marcam também um período de mudança de paradigma na literatura asiático-americana, que começa a ser mais aceite e percebida enquanto agente de contestação da autoridade. Embora gerando alguma controvérsia no meio devido às suas opiniões radicais sobre aquilo que se pode definir como a “verdadeira” literatura sino-americana, Frank Chin foi um dos responsáveis pela afirmação da cultura e identidade literária sino-americana num panorama maioritariamente anglo-americano.

Já no final de 70, o género começa também a afirmar-se como um dos temas principais nas obras de autoras sino-americanas. Maxine Hong Kingston será um dos nomes-chave desta nova corrente, explorando o tema, sobretudo sob o prisma do feminismo, e fazendo uma denúncia do sexismo presente na cultura chinesa. A sua obra *The Woman Warrior* fará bastante sucesso com a audiência americana *mainstream*, embora crítico como Chin a acusem de falta de autenticidade, como anteriormente referido.

Após o *Immigration Act* de 1965, os sino-americanos tornam-se um dos maiores grupos de imigrantes asiáticos nos EUA, com uma enorme pluralidade de indivíduos no que diz respeito a suas motivações e situações socioeconómicas. Esta heterogeneidade irá também influenciar a produção literária, sobretudo a partir do final de 80, com o aparecimento das primeiras obras da segunda geração de autores sino-americanos. Temas como a construção identitária, transnacionalíssimo, género e conflito cultural e intergeracional estarão, desta forma, muito presentes nas suas obras. Sobretudo no caso feminino, as relações entre mães e filhas serão muito exploradas sob o ponto de vista do conflito que existe entre os valores culturais chineses (representando pelas mães) e o valores culturais americanos (representados pelas filhas). Amy Tan, uma das autoras de descendência chinesa com maior projecção na cena literária *mainstream* americana e a sua obra *The Joy Luck Club* inscrevem-se nesta categoria. Nas narrativas criadas por Tan, este *gap* cultural e intergeracional será em grande parte mediado através de histórias, cujo

³⁰ Esta opinião crítica que aqui é referida inscrevia-se na corrente cultural nacionalista, em voga na época de 60/70

pano de fundo será a China. A China representada por Tan tem múltiplas faces, desde a China feudal à China moderna e aberta ao Ocidente, passando pela invasão Japonesa e pela China comunista. Contudo, a maior ligação será à China do passado, que chega até aos EUA contemporâneos através das já referidas histórias. A obra desta autora será, por isso, também exemplo de uma das estruturas comuns à literatura sino-americana, as narrativas em formato *storytelling*, isto é, escritas como se tratasse de discurso oral.

2.2.2 A literatura coreano-americana

As primeiras obras coreano-americanas tentavam contrariar as imagens de “outro” e *alien* associadas ao grupo, mostrando que os coreano-americanos conseguiam assimilar-se e ser tão americanos como qualquer outra pessoa que nasça no país.

Em comparação com o grande número de obras sino-americanas e nipo-americanos, a literatura coreano-americana esteve muito limitada nos EUA até ao início da década de 80. A maioria das obras coreano-americanas será produzida sobretudo por autores descendentes de imigrantes coreanos, cuja migração ocorreu em períodos distintos, sejam eles: os anos de 1903-1905, com a chegada de trabalhadores para plantações de açúcar no Hawaii; ou o período pós-1965, com a entrada de uma grande número de coreanos nos EUA devido ao final do sistema de quotas para a imigração. Também serão produzidos textos por alguns estudantes e políticos que procuram exílio na América tanto no início do século XX como na década de 60 devido à Guerra na Coreia. As obras destes autores de segunda e terceira gerações contarão muitas vezes a experiência dos seus ascendentes, cujas histórias chegam aos leitores contadas em inglês e sob uma perspectiva subjectiva de quem já nasceu na América.

As primeiras obras coreano-americanas são um reflexo da experiência de intelectuais coreanos de classe alta em exílio nos Estados Unidos durante as primeiras décadas do século XX. Os textos desta primeira geração de autores coreano-americanos serão extremamente marcadas por um factor histórico em

particular já mencionado: a invasão na Coreia pelo Japão. Geralmente autobiográficas, estas obras tratam de temas relacionados com a nostalgia e o patriotismo, resultado da dupla perda em relação à nação, seja através da colonização Japonesa, ou devido à partida para os EUA. Um dos autores com maior reputação desta época é um dos intelectuais que consegue exílio nos EUA antes de 1965, Younghill Kang, pioneiro da literatura coreano-americana em inglês, com o romance *The Grass Root* (1931).

Também as experiências dos primeiros imigrantes coreanos no Hawai ou nos campos da Califórnia começaram recentemente a ser contadas pelas suas filhas, que reimaginam as suas vidas com base em factos ficcionais, mas também naquilo que foi documentado sobre as suas narrativas orais. Margareth K. Pai e o seu *The Dreams of Two Yi-Min* (1989) serão exemplo desta corrente, que explora temas como a questão das *picture brides*, a independência da Coreia ou as dificuldades de adaptação à sociedade americana.

Durante os anos 90 existe um florescer da produção literária coreano-americana devido a vários factores, tais como: o crescimento da população coreano-americana, filha de imigrantes coreanos dos anos 70, integrantes da onda de imigração qualificada pós-1965; o aumento da receptividade da sociedade americana perante obras de cariz étnico; e a dinamização cultural e política coreano-americana decorrente dos *riots* de 1992. Como refere Elaine Kim, durante esta conturbada época, os coreano-americanos foram apontados “not only as inarticulate aliens but also as racist, grasping ghetto merchants with thoughts of no one and nothing except themselves and their property”(Kim, 2004:12). O ambiente vivido durante esta época influenciará, desta forma, a obra de autores como Chang-Rae Lee, que irão imprimir um forte cariz político e social nas suas obras.

Os autores coreano-americanos pertencentes à geração 1.5³¹ e segunda geração de imigrantes, filhos dos chamados *shop owners* imigrantes coreanos, e que irão ser educados sob a influência da cultura americana, apresentarão um conjunto diferente de preocupações dos primeiros autores coreano-americanos. Serão antes

³¹ Termo que surge no final dos anos 70 e início dos anos 80 para designar uma geração que nasceu na Coreia, mas é educados nos EUA

temas como as identidades híbridas, conflitos identitários, inter-geracionais e culturais, em contexto de cenários diaspóricos e transnacionais, que serão alvo de escrutínio por parte destes autores. *Native Speaker* (1995), de Chang-Rae Lee surge durante esta nova vaga de romances coreano-americanos por autores de segunda geração. Este romance combinará o tradicional lado étnico da literatura asiático-americana com uma narrativa de espionagem, oferecendo uma nova perspectiva sobre o tema da construção identitária da segunda geração. Embora não seja autobiográfico, segundo Lee, contém “all the things that concern me as a person and an artist all mixed up in one”³². Esta obra, que integrará o *canon* da literatura coreano-americana, valerá a Chang Rae-Lee o prémio PEN/ Hemingway.

Embora a literatura coreano-americana seja ainda hoje muito representada por obras de cariz autobiográfico e com pendor étnico, muitos autores optam, na contemporaneidade, por contar histórias que não envolvam este tipo de narrativas ou sequer personagens de ascendência a coreana. Os autores pertencentes a minorias étnicas lidam muitas vezes com uma de duas situações: ou são criticados por “se aproveitarem” da sua etnicidade para vender, ou são quase obrigados a discutir o lado étnico das suas obras. Como refere Don Lee:

“I don’t go around every minute of the day thinking I’m Asian, and neither do the characters in the book. I wanted to show that Asian Americans can be just as individual and different, as sexual, artsy, feisty, athletic, articulate, neurotic, and screwed up as anyone else in America.” (Lee, 2004:12).”

O próprio mercado editorial apropria-se da questão étnica e explora esse lado, muitas vezes fazendo erradamente um paralelo entre os autores e as suas personagens. Contudo, como acontece com outros escritores asiático-americanos de segunda geração, estes autores não pretendem demarcar-se como embaixadores de uma cultura híbrida asiático-americana, nem pretendem que os limitem a tal conceito, como se apenas estivessem qualificados para produzir literatura étnica. Escritores como Chang-Rae Lee ou Don Lee pretendem ser apenas categorizados

³² Chang-Rae Lee in Color Magazine, 18 Maio 2010. Disponível em < http://www.colormagazineusa.com/index.php?option=com_content&view=article&id=390>

enquanto “autores” e não “autores étnicos”, rejeitando que os seus trabalhos pertençam a um género único. Mesmo sendo essa muitas as vezes a sua motivação, a própria experiência pessoal do autor leva a que a etnicidade e as questões que esta envolve, como alienação e hibridez, estejam de certa forma presentes no texto.

2.2.3 A literatura indiano-americana

As obras de escritores sul asiáticos-americanos são recentes no panorama literário étnico nos EUA e incluem autores de origens diversas como a Índia, o Paquistão, o Sri Lanka ou o Bangladesh, pois como explica Katrak: “Hence the category “South Asian American” does not indicate a monolithic whole, but rather a collection of differences that are often more compelling and significant than any similarities”(Katrak, 1997:192).

Com a imigração facilitada desde 1965, os imigrantes sul-asiáticos chegam, a partir desta altura, em grande número nos EUA, sendo que uma grande maioria irá pertencer a uma classe educada e profissionalizada, fluente em inglês, legado da tradição colonial britânica. A grande parte dos autores sul asiático-americanos pertencentes a este grupo será também de classe média alta, sendo que grande parte terá ascendência indiana.

Uma grande parte da ficção produzida por autores da diáspora indiana emerge durante o período pós-colonial. Estes escritores serão categorizados enquanto transnacionais devido às suas identidades e experiências híbridas, multiculturais e globais, que não se encerram em si mesmas, mas que constituem redes de contacto entre elas. Como explica Katrak: “South Asian American writers in English are among the newest voices in a multi-ethnic Asian America.”(Katrak, 1997:192). As obras indiano-americanas refletirão um tipo transnacionalismo diferente daquele vivido por autores de ascendência chinesa ou coreana, já que a sua experiência deverá ser analisada sob o ponto de vista da diáspora e não da imigração. A proximidade e facilidade de comunicação com o país de origem serão maiores que a destes últimos, uma vez que na sua maioria se tratam de histórias de pessoas que imigraram ou cuja imigração dos pais aconteceu durante os anos 70.

Os autores da diáspora apresentam, muitas vezes, personagens que habitam um mundo global, transnacional e cosmopolita, que acabará por influenciar a sua construção identitária. A comunidade indiano-americana transnacional contemporânea chega mesmo a usufruir de um grande acesso à tecnologia, o que lhe permite estar em contacto permanente com a terra de origem, ao contrário do que acontecia com os primeiros imigrantes, obrigados a cortar laços com a origem por grandes períodos de tempo ou mesmo para sempre.

A literatura da diáspora indiana nos EUA, escrita em inglês, será um dos *genres* da literatura sul asiático-americana com maior número de obras publicadas, embora a sua constituição seja heterogénea. Estes autores criam novas representações da Índia, observadas através do prisma de alguém que é influenciado pela sua cultura, mas não a habita, numa relação fluída entre ocidente e oriente. É neste contexto que o tema da construção identitária será tratado, dando nota de uma hibridez que resulta desta vivência entre dois mundos.

Os primeiros textos da literatura sul indiano-americana incidem sobre a experiência migratória dos *sihks*, um dos grupos religiosos indianos, que deixa a Índia para ir trabalhar para os campos da Califórnia. Nestas obras é retratada sobretudo a dureza do seu trabalho. Outras experiências pré-1965 foram também representadas, principalmente no que diz respeito à desilusão em relação ao *american dream* e à nostalgia em relação à vida na Índia.

Contudo, é apenas a partir do final dos anos 70 que começa a surgir um fluxo significativo de produção literária indiano-americana, já que é nesta altura que acontece a primeira grande onda imigratória deste grupo para os EUA, representando esta uma imigração qualificada. A primeira geração de autores desta época, tais como Meena Alexander ou Bharati Murkherjee, será sobretudo constituída por mulheres de classe média e alta, que transportam para as suas obras a “dual affiliation” a que se sentem sujeitas, sofrendo ao mesmo tempo de uma nostalgia face à origem e de uma vontade de afirmar a sua identidade étnica no país que escolheram para habitar, a América. Uma grande parte destas autoras, como é o caso de Murkherjee, viveu ainda em outros países além dos EUA, o que lhes permite oferecer uma perspectiva multicultural e cosmopolita aos seus leitores.

Consequentemente, a sua obra foca no choque cultural que resulta do contraste que as suas personagens, com raízes na Índia, encontram quando imigram para a América. Murkherjee será também a autora indiano-americana pioneira no que diz respeito a uma transição de uma afiliação total à Índia para uma afirmação da identidade americana, referindo-se a si própria não enquanto expatriada, mas como imigrante e cidadã dos EUA.

A partir de 1985 assistiu-se a uma enorme proliferação de ficção e memórias de autores sul asiático-americanos, imigrantes ou filhos de imigrantes da década de 70, sendo que muitos foram reconhecidos com prémios literários, como é exemplo a obra *Interpreter of Maladies* (1999) de Jhumpa Lahiri, distinguida com o prémio Pulitzer para ficção. Consequentemente, as obras dos autores de primeira geração de 70, que se debatiam com questões como a falta de raízes, alienação e exclusão, começam a ser gradualmente substituídas por outro tipo de textos, escritos na sua maioria, por uma geração já nascida na América, que partilha de uma sensação de *in-betweenness* e hibridez relativamente à sua identidade.

A segunda geração de autores indiano-americanos irá abordar, desta forma, questões ligadas a raça, cultura e hibridez identitária. Ao contrário da primeira geração, esta geração sente-se americana e quer ser tratada dessa forma, sendo que a ligação com a origem será essencialmente mediada através dos seus pais e suas histórias. O romance *The Namesake* (2003) de Jhumpa Lahiri, adaptado em 2007 para cinema por Mira Nair reflecte essa mesma realidade. A obra baseia-se na história de diferentes gerações de imigrantes Bengali nos EUA, nomeadamente a dos pais, primeira geração, e a dos filhos, segunda geração. O romance centra-se sobretudo na vida de Gogol, um dos filhos, que tal como Lahiri e outros asiático-americanos de segunda geração sofre com a sua identidade hifenizada ou dupla. A obra inspira-se de certa forma na vida da autora, já que existem, além da questão geral da crise identitária, outros traços autobiográficos durante a narrativa, tais como a preferência de Gogol em ser tratado pelo seu *pet name*. As narrativas de Lahiri serão todas elas baseadas em temas universais como problemas conjugais e familiares, que embora influenciados e sob a presença de elementos étnicos, facilitam a identificação do leitor com a obra. Tal como Mukherjee, Lahiri também se identifica

enquanto americana e apesar das suas raízes indianas, que a influenciam, a autora refere não ter um conhecimento profundo sobre esta cultura, chegando mesmo a afirmar “I’m lucky that I’m between two worlds. I don’t really know what a distinct south Asian identity means.”³³

Todavia, a cultura indiana será muitas vezes representada na literatura indiano-americana, seja através da identidade fraccionada da segunda-geração (uma parte indiana, outra americana) ou através dos casamentos multirraciais, geralmente com uma presença forte da comida e costumes indianos durante a narrativa. Este contraste entre culturas será o reflexo da polaridade do próprio autor, habitado dois mundos, um indiano e outro americano. Em relação ao facto de a cultura indiana estar presente nas narrativas sobretudo sob a forma de hábitos culturais e gastronómicos poderá dever-se não só à importância que os mesmos têm na cultura indiana, sendo por isso reforçados e transmitidos pelos pais, como por se tratarem de elementos representativos daquilo a que Gans chama de “identidade étnica simbólica”, típica na formação da identidade da segunda geração de imigrantes.

Contudo, esta presença étnica na literatura indiano-americana será também alvo de críticas. Muitas vezes as obras são sujeitas a estratégias de *marketing* que acabam por desvalorizar o pendor literário da obra, de forma a enaltecer apenas o lado étnico, que vende. Os próprios autores indiano-americanos serão muitas vezes alvo de críticas, sobretudo por parte de indianos, devido a uma suposta falta de autenticidade que surgiria com o intuito de apresentar ao ocidente a cultura indiana que este pretende conhecer e não a verdadeira realidade. Jhumpa Lahira é uma das autoras que sente essas mesmas críticas:

"With my first book some of the Indian reviews were cruellest. 'What do you know about India? You're an American creature.' Then there were those who said I gave Indians a bad name because I wrote them as depressed and unhappy."³⁴

A verdade é que estes autores de segunda geração são também americanos, logo a sua visão da cultura indiana não será falsa, mas um híbrido entre as suas

³³ Tsering, Lisa. “The Essence of Identity; Jhumpa Lahiri Straddles Two Worlds in the Namesake.”

³⁴ “Jhumpa Lahiri: 'Writing makes me so vulnerable'”, The Independent, 14 Junho 2008.

percepções americana e indiana, não devendo ser criticados por isso.

III. Processo de construção identitária da segunda geração de asiático-americanos nas obras *The Joy Luck Club*, *The Namesake* e *Native Speaker*

Introdução

Como observado no capítulo anterior, o tema da construção identitária é comum a uma grande parte da literatura asiático-americana, desde a sua origem até à contemporaneidade. Este fenómeno pode ser explicado, em primeiro lugar, através do historial de falsas representações a que este grupo tem sido sujeito ao longo dos tempos, sendo que alguns autores asiático-americanos se sentiram impelidos a desconstruir estereótipos prevaletentes no discurso popular. Por outro lado, a existência de uma segunda geração suspensa entre dois mundos, um americano e outro asiático, alimenta, naturalmente, uma discussão permanente sobre a problemática da identidade fraturada.

Contudo, a forma como a maioria dos autores asiático-americanos contemporâneos aborda esta temática não é homogénea. Retratando nas suas obras diferentes grupos étnicos e classes sociais, distintos períodos e motivos de imigração e ainda sendo as suas narrativas estruturadas em torno de diferentes enfoques, cada obra revela inevitavelmente olhares e especificidades únicas.

The Joy Luck Club, *Native Speaker* e *The Namesake*, os três romances seleccionados para estudo nesta dissertação, exploram o processo de construção identitária da segunda geração de imigrantes asiático-americanos, olhado e interpretado por autores também eles descendentes de imigrantes asiáticos. Estas narrativas apresentam experiências, motivações e períodos de imigração distintos, sendo que nas três obras são contadas histórias de diáspora, geradas, quer por imigração económica e política, quer por expatriação voluntária.

Ao longo deste capítulo escrutinar-se-ão os paralelos e disrupções entre os três romances em estudo, através da análise dos factores comuns de influência na construção identitária de cada grupo étnico específico ³⁵.

³⁵ Esses factores, que serão explorados ao longo desta capítulo, são o contexto e razões imigratórias da primeira geração, a sua relação com o contexto americano, a relação entre primeira e

3.1 Factores de influência no processo de construção identitária da segunda geração de asiático-americanos

3.1.1. Contextos, períodos e experiências de imigração nas três obras

Ao contrário dos romances de Amy Tan e Jhumpa Lahiri, onde questões de identidade são tratadas sob o prisma de narrativas familiares, Chang-Rae Lee apresenta ao leitor de *Native Speaker*, uma narrativa de forte pendor político e social³⁶, talvez por este ser lançado três anos após os *riots* de Los Angeles³⁷ e escrito na época do naufrágio do *Golden Venture*³⁸. Esta é também a obra que mais se distancia de uma narrativa autobiográfica, o que Lee tem confirmado em várias entrevistas³⁹. Em contraste, Lahiri⁴⁰ e, sobretudo, Tan⁴¹, não negam semelhanças entre a vida dos seus personagens e a sua própria experiência.

A perspectiva que *Native Speaker* nos apresenta sobre o conflito Origem/América na construção do “eu” está assente tanto na gestão da assimilação do lado americano, como na reconciliação com a identidade coreana do protagonista Henry Park. Já em *The Namesake* e *The Joy Luck Club*, o peso da origem étnica específica será a fonte principal de conflitos internos e externos.

segunda geração e a relação destes últimos com o contexto americano, nomeadamente com os seus pares americanos e asiático-americanos.

³⁶ A dimensão pública da narrativa retrata a candidatura de John Kwang, um político de ascendência coreana, à câmara de NY. Esta será apresentada como uma iniciativa pioneira, já que apesar da multiculturalidade da cidade, nunca antes um político coreano-americano havia ousado tal movimento público, político e social.

³⁷ Anteriormente referidos no Capítulo I, os Riots de Los Angeles representam um conturbado período que, entre outras consequências, levou ao despertar da necessidade de lutar pelos direitos cívicos dos coreano-americanos. Esta situação poderá justificar em parte o pendor social e político de “Native Speaker”.

³⁸ *Golden Venture* era o nome de um cargueiro que transportava quase 300 imigrantes chineses ilegais e que acabou por naufragar perto da zona costeira de Nova Iorque. Os imigrantes que conseguiram escapar ao afogamento foram presos pela guarda costeira. Os media americanos fizeram uma enorme cobertura deste desastre, embora manipulando a mensagem e dando a crer à população americana de que esta, como refere Liam Corley, seria “an Asian invasion facilitated by unscrupulous smugglers” (Corley, 2004:2) Estes acontecimentos poderão ser interpretados como a destruição do *american dream* pela própria Americana, já que é quando os imigrantes estão perto de chegar a Nova Iorque que o seu sonho termina. Lee poderá ter sido influenciado por estes acontecimentos, já que reserva um destino semelhante para Kwang.

³⁹ Chang-Rae Lee in *Color Magazine*, 18 Maio 2010. Disponível em <http://www.colormagazineusa.com/index.php?option=com_content&view=article&id=390>

⁴⁰ *A Conversation with Jhumpa Lahiri*. Press Release. Houghton Mifflin Company.

⁴¹ *How Stories Written for Mother became Amy Tan’s Best Seller*, New York Times, 4 Julho 1989,

Em *The Joy Luck Club* é apresentada ao leitor a história de quatro filhas e quatro mães, estas últimas chegadas aos EUA no final da década de 40, após a suspensão Chinese Exclusion Act de 1943. A motivação das quatro mulheres para a imigração está relacionada com a necessidade de fugir à repressão na China, país onde se vivia um conturbado período devido à invasão japonesa. Aquando da sua chegada aos EUA irão estabelecer-se nas *Chinatowns* de São Francisco e Oakland, em grande parte porque a sua é uma imigração marcada pelo desconhecimento da nova língua, o que leva a que a sua adaptação ao país dependa profundamente de estruturas de apoio criadas ou frequentadas por outros imigrantes.

Já em *Native Speaker*, a narrativa centrada na experiência da segunda geração, que se desenrola no início de 90, recorda, em analepse, a década de 70, que testemunha a deslocação da primeira geração. O mesmo sucede em *The Namesake*, apesar das razões e as experiências diaspóricas serem diferentes em cada um destes romances.

No primeiro, os motivos da imigração prendem-se com a procura de melhores condições financeiras, devido à frágil situação económica da Coreia, bem como à falta de liberdade vivida no país. Esta é uma imigração qualificada, sendo que o pai de Henry Park será exemplo disso mesmo, “he graduated from the best college in Korea”(Lee, 1995:56). Contudo, o choque cultural, e sobretudo a ausência de domínio da língua vão levar a que a sua adaptação não seja fácil, existindo um processo de guetização e de queda abrupta de estatuto social⁴². Desta forma, a primeira geração de *Native Speaker* conviverá maioritariamente com outros imigrantes, nomeadamente asiático-americanos, embora o lado social das suas vidas seja bastante reduzido, já que, excluindo o trabalho, as suas dinâmicas e interações acontecem sobretudo na esfera doméstica, entre família.

Já *The Namesake* apresenta uma primeira geração cuja imigração, nomeadamente no caso de Ashoke, se deve ao desejo de aceder a uma melhor educação.⁴³ Embora este seja tão qualificado como o pai de Henry, possui algo a que outro não tem acesso, o domínio da língua e uma maior facilidade de adaptação à

⁴² O pai de Henry é dono de uma mercearia em Queens.

⁴³ Ashoke imigra para Boston para fazer um doutoramento no MIT.

vida ocidental, herança da Índia Britânica. Neste caso, a distância vivencial entre a cultura de origem e a cultura de inserção é neutralizada, no caso da esfera pública⁴⁴, em contraste com a esfera doméstica, definida por costumes e cultura indiana, onde fica confinada Ashima, sua mulher, durante muitos anos.

Apesar das diferenças que separam as narrativas de *The Namesake* e de *Native Speaker*, no que diz respeito às razões para a imigração, continua a existir um factor em comum: o facto de a ida das mulheres para a América estar relacionada com motivos familiares, reduzida à necessidade acompanhar os seus maridos.

Compreendendo as diferenças que existem nos três romances no que diz respeito ao contexto e experiência imigratória da primeira geração, é possível partir para uma melhor análise da dinâmica entre as duas gerações. Tanto em *The Joy Luck Club* como em *Native Speaker* existe uma primeira geração mais isolada da sociedade americana, que mantém os hábitos da terra origem e vive em enclaves étnicos, pelo que o seu olhar sob a cultura americana será de maior desconfiança. Em *The Joy Luck Club* este fenómeno será a fonte principal de conflitos, originando falta de compreensão e intolerância. Por outro lado, em *Native Speaker*, embora não se evidenciem grandes conflitos geracionais, existe um enorme vazio na relação entre pais e filhos, pautada pelo silêncio e afastamento. Já em *The Namesake*, apesar de existirem diferenças culturais óbvias entre pais e filhos, o *gap* aparenta ser mais fácil de gerir, sobretudo ao nível da tolerância dos pais para com o “eu” americano dos filhos.

3.1.2. A primeira geração no mundo americano

Em todas as obras, existe um esforço da primeira geração em manter os hábitos, rituais e língua da terra de origem, independentemente da sua maior ou menor adaptação à cultura americana.

No caso de *The Joy Luck Club* e *The Namesake* este impulso traduz-se frequentemente em rituais de celebração, não só no seio familiar, como envolvendo a restante comunidade imigrante, demonstrando que as relações sociais dos

⁴⁴ Ashoke trabalha no meio académico, multicultural por excelência.

protagonistas se constroem essencialmente com pessoas que partilham a mesma identidade cultural. Como referem Mouloud Siber e Bouteldja Riche, em relação a esta obra, “(...) marriage, birth and death ceremonies are occasional, but they tie together the members of the same culture and offer them opportunities of cultural promotion. (...) holding dinners and throwing parties periodically are deliberately planned by them in order to keep up with their culture.” (Siber and Riche, 2013:280)

Este é o caso de Ashima e Ashoke que, na ausência das suas famílias, criam uma rede de contactos com outros imigrantes indianos, com quem podem manter e preservar as tradições bengali, minimizando a nostalgia e saudade da família que ficou no país de origem. Estas reuniões são também uma das formas que esta primeira geração encontra para neutralizar algum sentimento de culpa, pautado pela percepção de traição à cultura de origem, implicada pelos seus passos em direcção à assimilação. Carine Marques refere a este respeito, que “the relocation process for Ashima and Ahoke is painful as they often feel they are not faithful to their Bengali culture” (Marques, 2003:7)

Também as mães de *The Joy Luck Club*, mesmo após vários anos nos EUA, sentem uma enorme nostalgia face à terra de origem. Será através da comida e sobretudo através das reuniões do clube Joy Luck de Suyan que conseguirão colmatar a falta que sentem da China, tal como preservar tradições e língua. O facto de Suyan manter o clube na América com outras imigrantes chinesas revela não só a nostalgia face à origem, mas a necessidade de estabelecer um local de refúgio à influência das forças de assimilação americanas. Neste clube, as mães podem recriar a sua China e falar a sua língua, “their own chinese dialect” (Tan, 2006:34).

No caso de Ashima e Ashoke, apesar de estes manterem os costumes étnicos da Índia, não deixam, contudo, de assimilar a cultura americana. O país de destino é agora o local onde os seus filhos nasceram e onde está a família, o que o torna de certa forma também a sua casa, situação muito visível no final de *The Namesake* através da análise de Ashima : “(...) For thirty-three years she missed her life in India. Now she will miss her job at the library, the women with whom she worked. She will miss throwing parties... She will miss the country in which she had grown to know and love her husband” (Lahiri, 2004:279). Contudo, apesar desta adaptação à

sociedade americana ser maior que a dos imigrantes de primeira geração dos outros dois romances em estudo, tal como estes, Ashima e Ashoke continuam a identificar-se com a sua identidade étnica específica, não se considerando americanos.

A percepção da América enquanto terra das oportunidades e do enriquecimento é partilhada pelos imigrantes de primeira geração representados nos três romances. No caso das mães de *The Joy Luck Club*, a ida para a América representa a fuga ao sofrimento de um passado trágico⁴⁵ e o recomeçar da vida numa terra onde tudo parece possível. As suas filhas são bastante afectadas pelas consequências desta sua interpretação da América, sendo comentado por June, a propósito do desejo da mãe em que esta tenha sucesso: “My mother believed you could be anything you wanted in America.” (Tan, 2006:132). Este sentimento é também manifestado pelas personagens de Lahiri na *Rice Ceremony*⁴⁶ de Sonia, na qual esta, ao contrário de Gogol, escolhe a nota de dólar e um dos convidados tece o seguinte comentário: “this one is the true American”(Lahiri, 1995:63).

Os imigrantes de primeira geração chegam aos EUA com grandes expectativas de sucesso. As mães chinesas de *The Joy Luck Club*, devido ao seu passado trágico na China, e o pais coreanos de Henry Park, cujas deficitárias condições na Coreia os obrigaram a imigrar, são quem apresenta maiores expectativas e esforço em prol do sucesso dos filhos. Fazem-no sobretudo para que estes possam usufruir de condições às quais eles próprios não tiveram acesso no seu país de origem. Contudo, nomeadamente nestes dois casos, devido ao processo de isolamento social mais marcado, estes personagens reflectem uma auto-consciência do seu estatuto marginal na sociedade americana. Consequentemente, é possível compreender, que de certa forma as expectativas de sucesso destes imigrantes serão defraudadas, já que a sua integração não será tão fácil como pensavam. As diferenças culturais que os separam da sociedade americana *mainstream* representam não só um entrave externo, mas também interno, já que a sua

⁴⁵ As mães de *The Joy Luck Club* partilham um passado marcado pela guerra e invasão japonesa, bem como pelo sofrimento causado pela pressão da sociedade patriarcal típica chinesa.

⁴⁶ Rito de passagem que poderá corresponder a algo semelhante ao baptismo cristão e na qual o bebé come, pela primeira vez, um alimento sólido. De forma a “prever” o destino profissional da criança, é-lhe dado a escolher entre uma nota de dólar, uma caneta e um pedaço de terra. Aquele que for “agarrado” pelo bebé definirá a sua carreira (homem de negócios, académico ou proprietário).

percepção sobre o seu posicionamento enquanto “outro” os vai deixar pouco à vontade e reticentes em interagir com outros americanos.

Além da cultura, e talvez ainda mais fraturante, será a questão da língua, já que, sem uma linguagem em comum, as barreiras que se criam entre culturas serão ainda maiores. Tanto as mães de *The Joy Luck Club* como o pai de Henry Park servem de exemplo para esta alienação social destes imigrantes na América. Como refere Simin Golchin: “Language, as a tool for understanding and creating social validity, plays a vital role in the construction of the mothers’ place in America. Because the mothers cannot speak perfect white middle class American English, their place is outside the system.” (Golchin, 2011:26). A falta de integração dos pais de Henry não se limita a questões de linguagem, abrangendo todas as suas interações na esfera pública. Neste sentido, é descrita a reticência e, até mesmo, a vergonha dos mesmos em socializar com os vizinhos, por quase sentirem que não têm esse direito, pois não se sentem americanos. Segundo Henry, o pai “mostly operated as if the town were just barely tolerating our presence” (Lee, 1995:52) e a mãe esforçava-se em aparentar constantemente “that we believed in anything American, in impressing Americans, in making money, (...) perfect credit, being perfect, shooting black people, watching our stores and offices burn down to the ground.” (Lee, 1995:53)

Como Henry refere, para o seu pai, “the inalienable rights of the immigrant” significavam trabalhar “from before sunrise to the dead of night” e apesar da vida do imigrante ser a sua família “you rarely saw them”(Lee, 1995:47). Esta observação sobre o sacrifício dos pais para benefício dos filhos, que emerge nas três obras, sugere a complexidade da instituição familiar nestes grupos étnicos, podendo, no entanto, ser relacionada mais com a experiência imigratória, do que com qualquer inevitabilidade étnica. Desta forma, quaisquer generalizações, tanto no caso coreano, chinês ou indiano, sobre a eventual importância do trabalho, do sacrifício e da família, devem ser evitadas

Todavia, existem padrões e normas culturais, como a importância da hierarquia social no caso coreano, que se reflecte na existência de diferentes níveis de formalidade, mais estritos e verticais que na cultura americana, e que vão dar

origem a alguns comportamentos que poderão causar estranhamento a nativos americanos, como é o caso das diferenças na forma de um indivíduo se dirigir a outras pessoas. Estas distinções serão visíveis em *Native Speaker*, quando é revelado que Henry desconhece o verdadeiro nome de Ahjuma⁴⁷, palavra que significa apenas algo semelhante ao “ma’am” inglês. Como explica Tim Engles : “The various levels of formality embedded within the Korean language itself make speaking to another person very awkward if one does not first determine that person's social or familial position in relation to oneself” (Engles, 1997:18). Em *The Namesake* é mencionado um hábito semelhante no que diz respeito a esta questão, já que imigrantes de primeira geração não tratam o cônjuge pelo primeiro nome, ao contrário do que acontece na América. Quando Ashima “calls out to Ashoke, she doesn’t say his name. (...)It’s not the type of thing Bengali wives do.” (Lahiri, 2003:2).

Através da análise da relação da primeira geração com a América é possível compreender que, embora de diferentes formas e com maior ou menor intensidade, estes imigrantes mantêm uma relação forte com a origem, preservando a mesma no contexto de chegada através das tradições, rituais e língua. Contudo, todos olham para a América como a terra das oportunidades e sabem que enquanto seus cidadãos necessitam de se adaptar, sendo este processo especialmente visível na esfera pública, mas também na esfera privada, ao incentivarem os filhos a aprender a língua e a assimilar a cultura americana, pois sabem ser necessário ao seu sucesso. Este fenómeno resulta inevitavelmente num conflito de impulsos, já que os pais, apesar de perceberem a importância da existência da identidade americana dos filhos, não pretendem que a sua descendência perca o contacto e interesse pela cultura e língua de origem. Consequentemente, a segunda geração, é influenciada ao longo do crescimento por estes hábitos e comportamentos contraditórios. A percepção que os seus pais lhe transmitem sobre o que significa ser imigrante

⁴⁷ A personagem de Ahjuma surge aquando a morte da mãe de Park, sendo uma mulher que viaja da Coreia para a América para ficar a cuidar da casa onde vivem Henry e o seu pai. Será uma espécie de governanta, que permanecerá na casa destes até à sua morte. O que choca Lelia, ao aperceber-se de que nem Henry, nem o pai sabem o verdadeiro nome desta mulher, é exatamente a aparente indiferença perante uma mulher, com quem, na opinião de Lelia, deveria existir uma enorme familiaridade.

coreano, chinês ou indiano na América irá, desta forma, influenciar a sua auto-percepção.

3.1.3. Relação entre primeira e segunda gerações de asiático-americanos – conflito Ásia/ América

Nos três romances em estudo, as dinâmicas familiares representam um dos maiores factores de influência nesta construção identitária da segunda geração de imigrantes asiático-americanos. O facto de se tratarem de famílias de imigrantes potencia uma ainda maior coesão familiar, já que são sobretudo famílias nucleares que se encontram longe do restante agregado, num país estrangeiro. Desta forma, é provável uma união e vigilância mais intensas em relação aos filhos, já que não existe a mesma rede de suporte que no país de origem. Contudo, esta supervisão não parece ser bem-vinda por parte da segunda geração que, inserida na sociedade americana e partilhando de valores como a independência, a liberdade ou a autonomia, não estará disposta a assumir a sua identidade étnica da forma que seria desejado pelos seus pais. A dinâmica entre pais e filhos não é fácil, já que os últimos não estão disponíveis para abdicar do seu “eu” e vontade individuais em prol de um respeito maior aos seus pais e à sua vontade e forma de olhar o mundo. O processo de crescimento da segunda geração passa-e a renegar implícita ou explicitamente a sua herança étnica. Como refere King-Kok Cheung: “Many people of Asian descent feel, to this day, the need to prove their Americanness by shedding their originary culture and by setting themselves apart from new Asian immigrants” (Cheung, 1997:6) Sendo o seu contexto social a América e tendo um contacto com a cultura de origem limitado à esfera doméstica, através dos pais, a forma como estes jovens integram o lado étnico na sua identidade será pautado por momentos de conflito, rebeldia e rejeição. Estes acontecerão sobretudo durante adolescência e juventude, o que se coaduna com o facto de esses serem períodos em que, por norma, existe um desafiar das regras familiares.

A língua, os laços familiares com outros parentes e as tradições são, de certa forma, perdidas nesta geração, uma vez que estão muito distantes da sua realidade. Estes são indivíduos que não têm grande curiosidade em relação à terra de origem,

parecendo-lhes esta um local longínquo, que não têm intenções de visitar. Esse fenómeno será visível tanto nas atitudes das filhas de *The Joy Luck Club* como em *The Namesake*: “In Gogol’s opinion, eight months in Calcutta is practically moving there, a possibility that, until now, has never even remotely crossed his mind.” (Lahiri, 2004:79)

Por outro lado, as diferenças de discurso entre pais e filhos são destacadas nas três narrativas como obstáculos para a comunicação intergeracional. Porém, estas falhas de diálogo não se devem apenas a uma questão de língua, mas de linguagem, nomeadamente linguagem cultural e social. Em *The Joy Luck Club*, essa incapacidade de entendimento mútuo surge logo na estória de abertura do primeiro capítulo, que fala de uma mãe chinesa imigrante nos EUA, que apesar de querer explicar à filha que a pena de cisne que lhe oferece representa todas as suas “good intentions” (Tan, 2006:17) não o consegue fazer devido às diferentes línguas “And she waited, year after year, for the day she could tell her daughter this in perfect American English” (Tan, 2006:17) Esta parábola poderá ser uma metáfora para a relação entre as filhas e as suas mães, cujas boas intenções são mal interpretadas devido às diferentes linguagens culturais que as separam. Estas são responsáveis por obstáculos na transmissão da verdadeira mensagem das suas estórias, que tentam criar pontes entre a China do passado, vivida pelas mães, e a América do presente, experienciada pelas filhas. Apesar de se passarem em diferentes épocas e diferentes contextos, as estórias de mães e filhas estão interligadas, sendo que a experiência das mães servirá para ajudar as filhas a solucionar os seus problemas actuais.

Em qualquer um dos romances, irá existir uma fronteira demarcada entre esfera pública e esfera privada, sendo que a utilização da linguagem é um dos pontos que mais varia entre as duas. No caso de *The Namesake*, em casa, a família continua a comunicar por vezes em bengali, sobretudo enquanto os filhos ainda são crianças. Contudo, à medida que crescem, estes adoptarão totalmente o inglês, sendo que este será a sua primeira língua. Esta situação é visível no caso de Gogol que, mesmo em casa, apesar dos pais muitas vezes falarem consigo em bengali, ele responderá em inglês.

De qualquer forma, a primeira geração não deixa de querer que os filhos sejam bem-sucedidos no novo país, tal como eles próprios lutam por se ajustar às práticas deste. Novamente referindo o caso de Gogol, apesar de em casa falarem bengali e de este frequentar aulas da língua, Ashima não deixa de investir também em actividades que promovam a adaptação do filho ao novo país, não só ao nível da língua, mas também dos costumes: “Every afternoon Ashima sleeps, but before nodding off she switches the television to Channel 2, and tells Gogol to watch Sesame Street and The Electric Company, in order to keep up with the English he uses at nursery school” (Lahiri, 2004:54), tal como “At his insistence, she concedes and makes him an American dinner once a week as treat, Shake’n Bake chicken or Hamburger Helper prepared with ground lamb.” (Lahiri, 2004:65).

A superioridade no domínio da língua inglesa da segunda geração face à primeira geração leva muitas vezes a que os filhos sirvam de intérpretes para os pais. Como refere Gogol, “salesmen prefer to direct their conversation to Gogol, as though his parents were either incompetent or deaf” (Lahiri, 2004:68). Também o pai de Henry, tendo noção que o filho falava um inglês mais perfeito que o seu, utilizava esta sua característica em benefício dos seus negócios, colocando-o em contacto com os clientes na loja: “ My father, thinking it might be good for business, urged me to show them how well I spoke English (...)” (Lee, 1995:53).

O domínio da língua inglesa é percepcionado pelos pais como o primeiro passo a garantir na educação americana dos filhos. Esta situação é particularmente visível em *The Joy Luck Club* e *Native Speaker*, já que tanto o pai de Henry Park como as mães chinesas conhecem pessoalmente as consequências de não dominar o inglês. No caso de *The Joy Luck Club*, a ambição de que as filhas possuam um inglês perfeito representará também o desejo das mães de que estas cumpram todos os requisitos necessários para serem bem-sucedidas na sociedade americana.

Todavia, não faz parte dos planos da primeira geração que os filhos esqueçam os valores e cultura de origem. Como refere Lindo em *The Joy Luck Club*: “I wanted my children to have the best combination: American circumstances and Chinese character. How could I know these things do not mix?” (Tan, 2006:254).

Para a primeira geração, esta síntese implica a familiarização com elementos culturais como a comida, os nomes, a língua e os rituais de passagem como o nascimento, o casamento e a morte.

A comida será em todos os romances, a par da língua, um dos maiores marcos da presença da cultura de origem na América. Como Paula Pazo refere “food images becomes especially meaningful as an indicator of the nostalgia of the immigrant, the sense of community of the diasporic family, the clash between generations, or the shocks of arrival and return.”(Pazo, 2014:5). Este será o elemento mais facilmente transportável da cultura de origem para a América, pois como refere Nomita Loktongbam, “Among the everyday cultural practices routinely used to maintain diasporic identities, food is commonly of central importance”, acrescentando que “there are some reasons for this. Food traditions and habits are comparatively portable: groups that migrate around the world often carry with them elements of the diet and eating habits of the homeland.” (Loktongbam: 58) Ao contrário de outras práticas étnicas, que acontecem sobretudo na esfera privada, como as festas e rituais, a comida é um forte representante da etnicidade também na esfera pública, o que pode ser observado na cena em que Ashima e Ashoke escolhem uma refeição Indiana na viagem da América para a Índia. É também através da comida que a primeira geração manterá contacto com a origem, colmatando a nostalgia. Chang-Rae Lee leva o leitor numa “viagem” pela Coreia na cena em que Henry se encontra com Kwang num restaurante coreano, onde não só os pratos como todo o cenário, inclusive o traje da empregada, está de acordo com a tradição coreana. A sensação que é causada é a de que estas personagens já não se encontram na América, mas na Coreia, como se de um mundo dentro de outro mundo se tratasse.

A cozinha e gastronomia de origem serão, consequentemente, um motivo de orgulho nacional, pelo que, perante elementos não pertencentes à sua cultura, como é o caso dos cônjuges dos filhos, a apreciação destes sobre as suas iguarias será muito importante. Todavia, neste caso, estando a degustação associada a momentos de convivência social entre indivíduos que não partilham os mesmos hábitos culturais, a probabilidade de surgirem desentendimentos entre eles é

elevada. Em *The Joy Luck Club* existe uma cena representativa deste choque de culturas, quando no jantar que Lindo prepara para a filha e para Rich, este, perante o comentário negativo de Lindo sobre o prato que cozinhou⁴⁸, tenta “salvar” a situação, adicionando ao mesmo uma grande dose de molho de soja com a intenção de o tornar mais saboroso.

Por outro lado, a comida será também uma forma de manifestar afecto, como revela Waverley em *The Joy Luck Club*: “That’s the way chinese mothers show their love for their children, not through hugs and kisses but with stern offerings of steamed dumplings, duck’s gizzards, and crab.” (Tan, 2006:202). Relativamente a esta questão da proximidade física, será possível encontrar também pontos de divergência entre as culturas de origem e a América.

Em qualquer uma das narrativas, é possível compreender que nenhum dos imigrantes de primeira geração se mostra muito confortável com a proximidade física ou mesmo apresenta um grande à vontade em público. Em *The Joy Luck Club* este fenómeno é observável quando Richard vai jantar a casa dos pais de Waverley e lhes dá um aperto de mão firme, tratando-os pelo primeiro nome e em *The Namesake* quando Max vai a casa dos pais de Gogol e os cumprimenta com dois beijos na face a cada um. Nenhum destes comportamentos passará despercebido aos pais, pouco acostumados a estas manifestações de carinho em público, ao dos filhos, que as aceitam com naturalidade.

Em relação aos rituais, Lahiri talvez seja a autora que mais os explora, o que acontece sobretudo através de eventos relacionados com o nascimento, morte e casamentos. No nascimento está presente a questão do nome, que será a mais premente durante todo o romance. Em relação à morte, destaca-se o ritual de rapar o cabelo, que Gogol não compreendia até ao dia da morte do seu pai. Contudo, será a importância do ritual bengali em relação aos nomes, o motor da maioria dos conflitos identitários que Gogol viverá ao longo da narrativa.

A cultura bengali tem em conta dois tipos de nome para cada pessoa, um *good name*, que é o nome oficial, e um *pet name*, o nome pelo qual o indivíduo é

⁴⁸ Apesar de saber que tem talento para a cozinha, Lindo, como é costume chinês, nega o mesmo.

tratado pela família e amigos próximos. Cada um deles deve ser utilizado apenas na circunstância que lhe diz respeito, respectivamente esfera pública e esfera privada. Sobre o tema, Lahiri refere “I wanted to write about a pet name/ good name distinction for a long time. It is almost too perfect a metaphor for the experience of growing up as the child of immigrants, having a divided identity, divided loyalties etc.”⁴⁹. Tal como Gogol, Lahiri adoptou em público não o seu *good name*, mas o seu *pet name* Jhumpa.

Ashima e Ashoke, por imposição das leis americanas, acabam por registar Gogol com um *pet name*⁵⁰. A origem deste nome está relacionada com um acidente de comboio, no qual Ashoke quase perde a vida, sendo salvo dos escombros apenas devido ao livro *The Overcoat* de Nikolai Gogol, que levanta para chamar a atenção da equipa de salvamento. Para Ashoke, o nome Gogol não representa este acidente, mas “everything that followed” (Lahiri, 2004:124) e que, no momento de aflição do acidente, pensou que nunca viria a ter direito ⁵¹.

Durante a infância, Gogol aceita o seu nome e inclusive promove-o de *pet name* para *good name*, a partir do momento em que prefere ser tratado na escola por Gogol e não Nikhil, o *good name* escolhido tardiamente pelos seus pais⁵². Nikhil parece o *good name* perfeito para Gogol, uma vez que, além de ser tipicamente indiano, lembra o primeiro nome do escritor Nikolai Gogol.

Contudo, já adolescente, toma consciência do quão inadequado parece o seu nome, que não é americano, nem indiano, mas russo, começando a senti-lo como um peso indesejado. O nome Gogol acaba por ser representativo do seu conflito identitário e segundo Sujata Rana “signifies all his discomfort to fit into two different cultures” (Rana, 2010:81). Esta atitude conduz Gogol à alteração do seu nome, o que acaba por acontecer no ano em que vai para a faculdade. Nikhil, o seu *good name*

⁴⁹ *A Conversation with Jhumpa Lahiri*. Press Release. Houghton Mifflin Company.

⁵⁰ O facto de Ashima e Ashoke serem obrigados pelo hospital a registar Gogol com um *pet name* e não poderem esperar por um *good name* (que viria na carta da avó de Ashima) mostra-lhes que a América lhes nega de certa forma a manutenção das suas tradições. Por esta razão, nomeiam a segunda filha apenas de Sonali, o nome que será usado tanto para *pet name* como para *good name*, e que facilmente deriva em Sonia, um nome que, segundo Lahiri, “makes her a citizen of the world.” (Lahiri, 2004:62).

⁵¹ Gogol só descobre a verdadeira razão do seu nome após a mudança para Nikhil, percebendo finalmente que a sua importância ultrapassava o simples facto de Gogol ser o autor favorito do pai.

⁵² Esta será uma decisão que irá atormentar a sua construção identitária no futuro.

será, a partir desse momento, também o seu nome oficial. Esta escolha será também sustentada no facto de este ser um nome que facilmente se poderá transformar em Nick, um nome tipicamente americano. A partir deste momento, dá-se o início do seu processo de afirmação enquanto cidadão americano e o corte com o seu passado indiano confuso. É construído um novo “eu”, enfraquecendo-se a ligação com a família, já que esta representa a sua identidade indiana, o passado confuso.

O alívio que Gogol sente ao mudar de nome para Nikhil mostra a sua assimilação à cultura americana, sendo que compara esse sentimento a “an obese person to become thin and a prisoner to walk free” (Lahiri, 2004:102). O único problema é que, por muito que goste dessa sensação, ele ainda se sente um estranho em relação à sua nova *persona*.

Apesar de pedir aos pais que o tratem por Nikhil, quando tal acontece soa-lhe estranho. Como refere Choubey, “Though he wants his girlfriend to call him Nikhil, for his parents he wants to remain Gogol, basking in filial familiarity. It is a double identity that Gogol himself sometimes projects, but at other times his assimilation seems complete.” (Choubey, 2013:3). Uma vez que o nome Gogol representa o seu lado indiano, e Nikhil a sua identidade americana, parece-lhe estranho que o mesmo seja proferido na esfera doméstica, onde pertence o seu “indiano”, já que para os pais ele “will never be anyone but Gogol” (Lahiri, 2004:57).

Ele próprio, depois de tantos anos enquanto Gogol tem dificuldade em reconhecer-se enquanto Nikhil, o que, segundo Ebina Cordelia expõe “the fallacy of the American myth of self-recreation” (Cordelia, 2011:7) no sentido em que permanecem na construção da identidade do indivíduo influências culturais do país de origem e, sobretudo, uma ligação emocional às mesmas. Gogol será, desta forma, alvo de uma sensação constante de dupla identidade, cuja gestão não será isenta de conflitos, incompreensão e frustração.

Tal como acontece com Gogol, a dificuldade que as filhas de *The Joy Luck Club* têm, durante a maior parte do romance, em fazer sentido da sua identidade híbrida, leva a que assumam um “eu” totalmente americano durante a sua juventude.

A dificuldade em compreender as mães, seja devido às já referidas questões de língua, à falta de empatia e conexão com as suas histórias ou ainda como consequência da pressão a que as mães as sujeitam, leva a que as filhas se distanciem e rejeitem a cultura chinesa. Por outro lado, o seu inglês perfeito, a sua assimilação à sociedade e valores americanos, bem como a sua rebeldia perante a autoridade da figura materna são responsáveis pelo afastamento e falta de compreensão que existe por parte das mães em relação a estas. Esta relação conflituosa resulta em sentimentos de frustração, confusão e revolta, sentimentos presentes durante todo o processo de construção identitária da segunda geração. A falta de compreensão entre mães e filhas é bem exemplificada quando as outras mães pertencentes ao clube joy luck pedem a June que conte a história da sua mãe às suas irmãs na China e esta afirma não saber nada sobre a mesma, pois sempre encarou as histórias da mãe como sendo um “chinese fairy tale” (Tan, 2006:25), sem conseguir distinguir a realidade da ficção. As outras mães não reagem bem a esta afirmação, pois sabem que também entre elas e as suas filhas existe o mesmo tipo de incompreensão: “They are frightened. In me, they see their own daughters, just as ignorant, just an unmindful of all the truths and hopes they have brought to America....” (Tan, 2006:41)

Ao contrário do que acontece na China que Amy Tan apresenta, onde o respeito à família e o sacrifício pessoal das mulheres a favor do bem estar familiar são a sua prioridade, a realização e a liberdade pessoal são muito importantes para as filhas de *The Joy Luck Club*, principalmente quando pressionadas pelas mães a corresponder aos seus ideais. Isto é particularmente visível em June, quando manifesta veemente esta vontade em assumir a sua identidade, referindo simplesmente : “I’m my own person”(Tan, 2006:254).

A educação das mães, baseada, naquilo que Wisdom refere como: “strong self-control, keeping face in the midst of humiliation, of sacrifice for one’s families, and finding one’s worth in one’s self”(Wisdom, 1994:93) leva a que esperem o mesmo da educação das suas próprias filhas, impondo-lhes o método chinês, que acreditam ser superior ao americano. Contudo, a influência do contexto americano irá sabotar esta sua vontade. Como refere Tuija Hast “Mothers were raised by

Chinese tradition of absolute obedience (...), and when raising their own children the mothers expected the same, but partly failed as the environment was different.” (Hast, 2008:39)

A pressão e autoridade das mães juntamente com a falta de compreensão mútua resultam na atitude rebelde das filhas, que ignoram a sua herança cultural chinesa, optando traçar o seu próprio caminho com base na cultura e valores americanos. Como refere Loktongbam: “Their independence and defiance of Chinese tradition are further reflected in her strong belief in American style individualism.” (Loktongbam:57).

Contudo, ao sentirem as filhas a afastarem-se, a sua necessidade de controlo será ainda mais elevada, resultando num ainda maior afastamento das filhas. Porém, estas nunca deixam de ser influenciadas pela relação que têm com as mães, sendo a mesma pautada pela dominância que estas exercem sobre as filhas: “you can’t ever tell a Chinese mother to shut up.” (Tan, 2006:173)

As tensões que se irão criar não são apenas entre mãe e filha, mas entre o simbolismo de cada uma, isto é, a cultura americana e a cultura chinesa respectivamente. O papel das mães é o de guardiãs da cultura chinesa, mas também o de educadoras já que são elas que vão transmitir o conhecimento sobre a mesma às suas filhas. Já as filhas irão estar numa permanente negociação entre a cultura que lhes ensinada, ou mesmo muitas vezes impingida pelas mães, e o contexto social e cultural da sociedade americana que as direcciona no sentido da assimilação. Durante todo o romance, é possível observar a cultura chinesa e a sociedade americana num constante jogo de forças contraditórias, tentando dominar-se uma à outra. A este respeito, Loktongbam explica que “The ethnic dissatisfaction manifested in the relationship between the Chinese mothers and the American daughters is the dilemma which many immigrants, especially their descendants, are faced with that is living between two worlds i.e native world and the immigrant world.” (Loktongbam:58)

June e Waverley sentem com particular intensidade o conflito entre a vontade de serem senhoras do seu destino e a pressão das mães para que

sacrifiquem a sua vontade individual em prol do sucesso e da família. Uma das mães, Lindo, salienta, aquela que para ela, é uma das manifestações de egoísmo das filhas:

“I once sacrificed my life to keep my parents’ promise. This means nothing to you, because to you promises mean nothing. A daughter can promise to come to dinner, but if she has a headache, if she has a traffic jam, if she wants to watch a favourite movie on TV, she no longer has a promise.” (Tan, 2006:49)

Waverley é talvez a filha que tem maiores problemas com a mãe, ressentindo o seu carácter crítico e controlador, sendo que a sua desaprovação tem grande efeito nela. Este aspecto é particularmente visível relativamente ao seu noivo Rich, já que sente que o seu primeiro casamento foi “poisoned” (Tan, 2006:174) pelas críticas da mãe, o que teme que se repita. Richard parece ir contra todas as expectativas de Lindo, já que além de não ser chinês, entende os protocolos culturais da sociedade de origem da sua mulher, situação visível no jantar em casa desta.

Todas as tentativas de manobrar a vida das filhas, sobretudo quando já adultas, são alvo de rejeição por parte das mães, já que crescem com a sensação de constante reprovação por parte das mães. Este será um processo consciente, desde a sua infância, pois como refere June em relação ao facto das expectativas da mãe em que ela se torne o prodígio que ela não quer nem pensar: “I had new thoughts, willful thoughts, or rather thoughts filled with lots of won’ts. I won’t let her change me, I promised myself. I won’t be what I’m not” (Tan, 2016:134). É como se June optasse por esta estratégia de auto-boicote, de nem sequer tentar ir ao encontro das expectativas da mãe por ter a certeza que não outra hipótese senão a de desiludi-a. Este comportamento de June mantém-se durante grande parte da sua vida adulta, manifestando-se o mesmo sobretudo nas suas escolhas académicas e profissionais. Como refere Tuija Hast “June continued to fail her mother’s expectations as if showing she had her own will: she did not get into the right college, she did not finish her studies. June did not believe in herself.” (Hast, 2008:30)

A disciplina que é exigida pelas mães às filhas encontra justificação nos

sacrifícios pelos quais as próprias tiveram de passar na China para conseguirem ultrapassar as tragédias a que foram sujeitas, sem desonrar a família durante o processo. Todas as mães possuem um passado trágico e sofreram a opressão da sociedade patriarcal típica chinesa, pelo que a imigração para a América surge como uma forma de fugir a esse passado tumultuoso e recomeçar. As suas vidas de sacrifício e a esperança de que as filhas não tenham de passar pelas mesmas dificuldades, levam as mães a exigir-lhes um nível alto de determinação e aplicação, atitude que as filhas parecem relutantes em aceitar. Como explica Hast, referindo Wong e Bond: In Chinese American families parents often make sacrifices to help their children; for example they work hard in low-paid job, but in return, the offsprings are expected self-sacrifice in return (Wong, 1993:32 & Bond, 1991:61). No caso de Suyan, que foi obrigada a deixar duas filhas na China, todas as suas expectativas são direccionadas para June, a filha americana, que parece não querer esforçar-me minimamente para corresponder às mesmas. Hast aponta para este desapontamento quando refere que Suyan “did everything for her daughter’s success and expected hard work for it in return. She thought that June did not try hard enough.” (Hast, 2008:19)

Devido às enormes expectativas criadas para a nova vida na América e sobretudo devido às esperanças que têm para a vida das filhas, as mães geram situações de grande tensão na relação com estas. O desejo de que as filhas sejam bem-sucedidas o suficiente para que não tenham de lidar com problemas semelhantes aos seus é muito intenso, não aceitando que as filhas não se esforcem para tomar as rédeas da sua vida, sobretudo numa terra onde tudo parece possível.

Contudo, June sente que as expectativas da sua mãe para a sua vida estão a destruí-la, pelo que se rebelia contra esta, tomando uma série de decisões que não só a afastam dela, como a provocam. Esta filha sente que a mãe não a aceita e que tudo o que faz nunca é suficiente. Ao ser pressionada pela mãe para se tornar um prodígio do piano, objectivo em que acaba por falhar, June revolta-se dizendo “I’ll never be the kind of daughter you want me to be!” (Tan, 2006:142) A maior parte da sua vida passa-se a tentar perceber quem é, pois está perdida entre o que a mãe deseja que ela seja e a sua própria vontade e qualidades. Já quando em pequena

desiste do piano, mais como forma de demarcar a sua rebeldia, do que por falta de talento ou vontade, June sente que a mãe quererá sempre impor-lhe as suas regras; como esta lhe repete “only one kind of daughter can live in this house. Obedient daughter!” (Tan, 2006:142) É depois da mãe morrer que June compreende que a mãe apenas queria que ela compreendesse o seu valor e que o mostrasse, não se escondendo atrás dos seus próprios medos de falhar.

No fundo, estas mães desejam que as filhas tenham as oportunidades que elas próprias não tiveram, beneficiando do facto de terem nascido na América, mas mantendo as suas raízes chinesas: “I wanted everything for you to be better. I wanted you to have the best circumstances, the best character.” (Tan, 2006:265). Contudo, Linda sente que apenas os valores americanos foram transmitidos à sua filha: “Only her skin and her hair are chinese. Inside- she is all American-made. It’s my fault she is this way” (Tan, 2006:254)

Ao contrário dos protagonistas dos outros dois romances, Henry não chega a entrar em conflito com os pais ou a cortar radicalmente a relação com estes, embora assuma desde cedo a sua identidade americana. Esta ausência de conflito poderá encontrar justificação na cultura do silêncio promovida pelos seus pais, já que a sua relação com estes será sempre distante desde o início, situação que será exacerbada pela morte da mãe.

Henry é educado para aceitar o silêncio e a falta de expressão pessoal, já que cresce num meio onde não são habituais as manifestações de afecto entre os pais ou mesmo destes em relação ao filho. Park terá dificuldade em compreender esta dinâmica dos pais, na qual parece não existir interação emocional: “I so wanted to be familiar and friendly with my parents like my white friends were with theirs [. . .] I wanted just once for my mother and father to relax a little bit with me. Not treat me so much like a son, like a figure in a long line of figures. They treated each other like that, too. Like it was their duty and not their love.” (Lee, 1995:221)

A sua mãe, como Henry comenta, “always believed that displays of emotion signalled a certain failure between people”. (Lee, 1995:31) e o pai, apesar de gerir um negócio, apresenta um perfil discreto e pouco comercial, não possuindo grande ambições. Em casa, assume também uma máscara, não partilhando com a família os

seus sentimentos e preocupações, atitudes que Park reacriará na sua relação com Lelia. Esta cultura de silêncio, descrição e mascarar de sentimentos com que Park lida na infância não só prejudicarão a sua vida emocional, como serão o *trigger* para a escolha profissional que faz: tornar-se espião ao serviço de uma agência de detectives privada.

Contudo, não só a relação dos pais irá influenciar a construção identitária de Henry. A atitude de inferiorização destes relativamente à cultura americana, o colocarem-se na posição de “outro”, alienando-se e alienando o filho, transmite a este a ideia de que, devido a sua ascendência coreana, nunca será considerado americano pela sociedade americana *mainstream*. Essa situação será visível sobretudo no comportamento do pai de Henry face às relações amorosas do filho, já que lhe diz que nenhuma mulher americana terá interesse em si devido às suas diferenças comparativamente a um típico americano: “You Korean man. So, so diferente” (Lee, 1995:74). Contudo, mais tarde, ao saber que Henry namora com Lelia, o pai de Henry não deixa de ficar satisfeito por esta ser branca, já que isso significava que, segundo Park, que “Lelia and her family would help me make my way in the land” (Lee, 1995:58) Este fenómeno exemplifica a vontade que a família tem de que Henry se assimile à cultura americana, pois acreditam que essa será a única forma a atingir o sucesso.

O processo complexo de construção identitária de Henry reflecte-se na sua vida profissional, que depende da sua capacidade de dissimulação não sendo verdadeiro nem na esfera pública, nem na esfera privada. A sua identidade é tão fragmentada durante infância que o facto de existirem estereótipos para o definir quase o deixava contente, mesmo sendo eles pejorativos e influenciando negativamente a sua opinião sobre si próprio: “I used to almost feel good that was a word for me, even if it was a slur.” (Lee, 1995:243)⁵³. Consequentemente, Henry emerge como um personagem que deseja imensamente sentir que pertence à América, que não o aceita completamente. O facto de nascer num avião poderá ser

⁵³ Os estereótipos influenciarão não só a percepção de Park, como mais tarde a do seu filho sobre a sua herança cultural, sobre os seus pais e inevitavelmente sobre eles próprios: “One afternoon mitt tugged at my pant leg and called me innocently, in succession, a chink, a jap, a gook.” (Lee, 1995:101)

uma metáfora para esta falta de ligação com uma cultura, seja ela americana ou coreana.

Desta forma, é possível concluir que, nos três romances, todos os elementos de segunda geração renunciarão em determinado momento à sua identidade étnica específica, assimilando a cultura americana, que lhe surge como uma opção mais fácil e segura. Todavia o sucesso deste processo será complicado por factores internos, como a existência de um “eu” étnico, e por factores externos, tais como a pressão familiar e a própria discriminação da sociedade americana.

3.1.4. A segunda geração de asiático-americanos e o contexto americano: relação com os seus pares americanos e asiático-americanos

A forma como a segunda-geração é moldada pelas expectativas e percepções dos seus pais tem influência não só no seu “eu” interior, mas também na maneira como estes vão lidar com outros americanos e asiático-americanos. A auto-percepção da sua identidade étnica e o seu *background* cultural irão por isso influenciar as suas relações sociais e amorosas, sendo uma potencial fonte de choques culturais e conflitos.

Apesar de estes jovens se sentirem essencialmente americanos, o seu corpo diz outra coisa, pois não se enquadram nas classificações raciais tradicionais da sociedade americana. Esta segunda geração terá, desta forma, não só de gerir internamente a sua dualidade de afiliações mas, devido às suas marcas fenotípicas, terá também que lidar com as imagens e representações que existem na sociedade americana sobre a sua ascendência étnica. A escola será o primeiro local de contacto e aprendizagem da cultura americana, da sua assimilação. Por outro lado, será onde a segunda geração será confrontada com as diferenças que existem entre si e um americano típico. Gogol será confrontado com esta questão de pertença a uma identidade étnica distinta não só em pequeno na escola, mas também já em adulto, numa conferência na sua faculdade. Nesta será referido o termo ABCD (*American Born Confused Desi*) que se refere a sua identidade cultural, mas com que Gogol desconhecia e com o qual não se identifica.

A vontade de assumir uma identidade totalmente americana será também visível na escolha dos parceiros amorosos. Todas as personagens principais de segunda geração irão casar ou namorar com americanos e de certa forma invejar a forma como estes se encaixam totalmente na sociedade americana. Em *The Joy Luck Club*, Rose refere “What I initially found attractive in Ted were precisely the things that made him different from my brothers and the Chinese boys I have dated.” (Tan, 2006: 117). Rose acaba por casar com Ted, mas o seu casamento chega ao fim, em grande parte, devido à sua attitude passiva. Mesmo quando o marido lhe pede o divórcio, continua disposta a ceder as suas exigências. Inicialmente, chega a culpar a sua ascendência chinesa: “At first I thought it was because I was raised with all this Chinese humility” ,”or that maybe it was because when you’re Chinese you’re supposed to accept everything(…)” (Tan, 2006:156) Contudo, acaba por chegar também à conclusão que o seu lado americano não é isento de falhas: “(...)later I discovered there was a serious flaw with the American version . There was too many choices, so it was easy to get confused and pick the wrong thing.” (Tan, 2006:191)

Este mesmo olhar de dúvida sobre o “eu” americano afecta Henry, que se apercebe do preço a pagar no seu trabalho, pelo seu projecto de assimilação: “My ugly immigrant’s truth ... is that I have exploited my own, and those others who can be exploited. Here is all of my American education.” (Lee, 1995:319) A colaboração de Henry com a agência de espões poderá ser analisada como uma manifestação de ódio por ele próprio, já que será um traidor da sua própria etnicidade.

Ao contrário daquilo que acontece com Rose em *The Joy Luck Club*, que culpa a etnicidade por fraquezas na sua personalidade, Henry aponta a pressão para a assimilação, como o factor que o leva a explorar a sua própria “raça”. Contudo, este comportamento não é novo para Park, uma vez que ainda em criança via o seu pai explorar outros imigrantes asiáticos que trabalhavam na sua loja: “My father like all successful immigrants before him gently and not so gently exploited his own” (Lee, 1995:54). Este quase auto-boicote pode entender-se como o seu acto de rebeldia contra a sua etnicidade de origem que, nos outros dois romances, acontece contra a família.

O facto de Henry ser espão neste romance não acontece por acaso, já que

serve de metáfora ao “papel” da sua vida, o de alguém cuja real identidade, a identidade coreano-americana, não é “visível” na sociedade americana *mainstream*. Como indica Tim Engles: “The book's guiding metaphor, figured in Henry Park's job as a spy, cleverly elucidates the immigrant's stance as a watchful outsider in American society, but Henry's double life also figures largely in his equally representative struggles to decide for himself what kind of person he is.” (Eagles, 1997:1)

Devido ao desempenho constante de diferentes papéis que outros e que ele próprio definiu para si próprio, Park receia já não saber quem realmente é. Ao colocar-se nessa posição, já não sabe distinguir o que é real e o que não o é na sua identidade. Como refere Tina Chen “his confusion about which stories to tell and how to tell them results from his multiple betrayals, each one contributing to the unraveling of both his narrative and identity. (Chen, 2002:639)

O seu trabalho implica a acentuação desta confusão, já que o seu bom desempenho depende da capacidade de interpretar uma personagem, que outros acreditem ser genuína. O facto de ser, como Chen refere, “marked as a foreigner although he is American by birth” (Chen, 2002:647) leva a que Henry saiba o que significa “estar de fora”, característica que irá transpor para o seu trabalho como espião. Park acredita que este trabalho é perfeito para si “the perfect vocation for the person I was, someone who could reside in one place and take half steps out whenever he wished [. . .] I thought I had finally found my truest place in the culture” (Lee, 1995:127).

A sua tarefa será investigar imigrantes que possam vir a causa distúrbios no *status quo* americano, o que revela que o “outro” é apenas aceite até ao momento em que interfere. Aliás, o facto de, no caso de Kwang, existir a suposição de que este esconde um lado negro, remete para a imagem do asiático-americano enquanto “gook”. Sobre o tema, Corley afirma ainda que “The assumption that Kwang has something to hide, that his success in the New York political scene masks some dirty secret that makes him a threat to the city's tranquility, reveals both reader and revanchist government agents as invested in constructions of Asian Americans as ineradicably foreign and hence a threat to the tranquility of American society.”

(Corley, 2004:12)

Hoagland, o dono da agência onde Park trabalha, apercebendo-se da importância dos valores culturais na construção da identidade foca-se em contratar recursos humanos cujas identidades étnicas sejam semelhantes às das pessoas que investigam: “to be a true spy of identity, he often said, you must be a spy of the culture (Lee, 1995:206). Contudo, esta escolha revela alguma influência de preconceitos e estereótipos na sua atitude, já que parte do princípio que um coreano esteja habilitado a compreender a identidade étnica de qualquer asiático, como é exemplo o caso de Luzan, o médico filipino que também investigou.

Todos os papéis que Park desempenha na vida, são alvo do mesmo trabalho de construção de uma personagem que o seu trabalho enquanto espião. Henry está sempre consciente dos seus actos tanto na vida pessoal como profissional e a língua será uma das áreas em que essa característica sera mais visível. Ao sentir-se um observador do seu próprio contexto, parece-lhe que tudo o que faz é falso, mesmo a sua própria linguagem: “When I was young I'd look in the mirror and address it, as if facing the boy there; I would say something dead and normal, like, 'Pleased to make your acquaintance,' and I could barely convince myself that it was I who was talking.” (Lee, 1995:167).

Apesar de dominar o inglês, Henry mostra-se sempre ansioso e inseguro face a ela, o que leva Lelia a referir, logo no início do romance, que “ If I had to guess, you're not a native speaker” (Lee, 1995:12). Esta atitude poderá ser explicada pela própria falta de confiança de Park relativamente ao seu “eu” americano: “ People like me are always thinking about still having an accent”. (Lee, 1995:12).

A falta de proficiência que Henry sente, não existe apenas em termos de domínio da língua, mas da própria expressão individual, pois ao sentir que “está de fora”, não se sente à vontade para se exprimir. Quando Park refere que Lelia “could really speak” (Lee,1995:10) não se refere apenas ao seu domínio da língua, mas sobretudo à sua facilidade em comunicar, resultado da sua identidade, que ao contrário da de park, está bem definida. Desta forma, Lelia torna-se atraente pela forma como se exprime.

As múltiplas máscaras que Park irá usar como imposição do seu papel enquanto espião reflectem-se naquilo que acontece na sua vida pessoal, já que nunca é ele próprio. A sua mulher identifica esta fusão entre o falso e o autêntico e o bilhete que lhe escreve, quando o deixa, é exactamente referente a isso. Os acontecimentos que se seguem a esse momento poderão funcionar como uma referência às *layers* e máscaras que constituem a identidade de Park: “The original I destroyed. I prefer versions of things, copies that aren’t so precious” (Lee, 1999:4) Esta atitude revela a in experiência de Park em lidar com o que é autêntico, com a sua verdadeira identidade, pelo que usa máscaras que, de certa forma, protegem o que está por dentro, o seu “eu”. Esta atitude paradoxal, está de acordo com a sua crise identitária, o que demonstra, por um lado, a vontade de descobrir quem é, mas por outro, o receio em revelar e assumir essa realidade. É mais fácil fingir, ir pelo caminho fácil da assimilação que enfrentar uma identidade fraturada. Contudo, ao destruir o original, o seu valor transfere-se para a cópia e esta torna-se a realidade, a sua realidade inautêntica.

Neste bilhete é denunciado por Lelia a incapacidade de Henry em se dissociar de estereótipos associados aos asiático-americanos: “illegal alien, yellow peril: neo-american, traitor” (Lee, 1995:5) . Como analisado anteriormente, esta “identidade sem identidade” que Park apresenta é o resultado de uma construção identitária confusa, pontuada por uma educação que lhe ensinou que a sua origem era motivo para se sentir inferior aos restantes americanos.

Muitas das discussões entre Henry e Lelia devem-se às diferenças entre os seus *backgrounds* culturais. Um dos casos estará relacionado com as, anteriormente referidas, diferenças de atitude perante a forma de se dirigir a alguém. Enquanto na cultura americana os primeiros nomes são essenciais, na cultura coreana quase não são utilizados. Este fenómeno levará a que Lelia pense que Henry é extremamente insensível por desconhecer o nome de Ahjuma. Contudo, esta é para ele uma situação culturalmente aceitável no contexto coreano: “there weren't moments in our language - the rigorous, regimental one of family and servants - when the woman's name could have naturally come out or why it wasn't important” (Lee, 1995:69) Todavia, Henry nunca opera enquanto mediador cultural, o que

poderia facilitar a compreensão da sua mulher sobre as especificidades da cultura coreana. Se no início o que atrai em Lelia é a faceta misteriosa de Henry, com o tempo, a mesma acaba por irritá-la, sobretudo após a ausência de uma manifestação mais emocional de Park em relação à morte de Mitt, o filho de ambos⁵⁴.

Em paralelo, um dos momentos de transformação identitária de Gogol estará também ligado a uma interação com uma americana. Trata-se do dia em que vai pela primeira vez a uma festa na universidade onde o seu pai lecciona. Nesta festa, ele conhece uma rapariga, a quem se apresenta enquanto Nikhil, e que acaba por beijar, sabendo que "Gogol had nothig to do with it" (Lahiri, 2004:96). Este momento marca o início da sua transição para o "eu"americano.

Ao distanciar-se daquilo que representa a sua origem indiana, isto é, a sua família e respectivos hábitos, Gogol sente que é mais fácil recriar a sua identidade e sentir-se americano, sendo o expoente máximo da associação com esta vertente da sua identidade o período em que vive com Maxime e os seus pais, rodeado de cultura e símbolos da América branca. Estes irão ainda ser testemunhas do seu processo de assimilação: "he is delighted when his American girlfriend Maxime and her family comment on how different he is from his family and the other stereotypical images of South Asians." (Chen, 2011:57). Contudo, esta atitude de Max em ignorar a origem étnica do namorado acaba revelar desastrosa na altura da morte do pai de Gogol, uma vez que Maxime não entende, nem respeita o luto e a tradição indiana nesta fase. Maxime vê Gogol como americano, o que revela que também não conhece verdadeiramente o namorado.

Gogol apaixonar-se-á sobretudo pelo estilo de vida de Maxime e pelo que ele representa, a "verdadeira" identidade americana. Ao contrário de Gogol, Maxime "never wished she were anyone other than herself" (Lahiri, 2004:138) e essa será "the biggest difference between them"(Lahiri, 2004:138). É principalmente na altura em que Gogol vive com Maxime e com os seus pais, que se torna mais central a questão das comparações e os contrastes entre a cultura indiana e a cultura

⁵⁴ Este acontecimento será aquilo que conduzirá Park a uma auto-análise da sua identidade e a consequente reconciliação com a mesma.

americana. É também evidente a ruptura cultural que existe por parte de Gogol, quando este se pretende afirmar enquanto americano, e que envolve um corte com a língua, a família e as tradições que o conectam com a cultura indiana.

Contudo, a assimilação à identidade americana nunca chega a ser completa principalmente no que diz respeito à forma como o “eu” é percebido pelos outros americanos. Gogol, num jantar em casa dos pais de Maxine é confrontado com uma questão que assombra muitos asiático-americanos de segunda geração, o facto de a sua imagem não corresponder àquela que está ligada a um típico americano: “at dinner he is asked by his neighbor, a middle-aged woman named Pamela, at what age he moved to America from India.” I’m from Boston”, he says” (Lahiri, 2004:157). Tal como os amigos dos pais de Maxine, também os pais de Ted em *The Joy Luck Club*, e os pais de Lelia de *The Native Speaker* olham para os cônjuges dos filhos de forma estereotipada. Rose é confundida com alguém de origem vietnamita apenas devido ao seu fenótipo⁵⁵ e Park é percebido enquanto “outro” seja através de uma perspectiva orientalista, como aponta ao referir-se à leitura que a sua sogra faz de si - “I’m her exotic”, (Lee, 1995:118) ou sob a perspectiva da minoria modelo - “some bright oriental kid”⁵⁶ (Lee, 1995:120).

Por fim, em relação a alguns elementos da segunda geração representados nestas obras, é ainda explorada pelos autores uma terceira dimensão que se prende com a relação que esta irá desenvolver com os seus pares geracionais e étnicos. Em *The Namesake* e *The Native Speaker*, obras onde esta situação é explorada de forma mais intensa, estes elementos serão representados por Moushumi e Kwang, respectivamente. Estas personagens representarão por vezes um refúgio familiar numa sociedade onde não se integram completamente, mas noutras alturas serão apenas um reflexo das suas ansiedades.

A tendência da segunda geração será criar laços, não com outros asiático-americanos ou indivíduos que partilhem a mesma etnicidade, mas com americanos brancos. No caso de Gogol, “he has no ABCD friends at college” (Lahiri, 2004:119)

⁵⁵ Esta situação acontece com a mãe de Ted, numa festa em sua casa, na altura em que Rose e Ted ainda namoram apenas.

⁵⁶ Lee revela que estas são as opiniões da mãe e do pai de Lelia face a Henry, respectivamente

porque ao contrário dos seus pais não tem interesse em fazer amizade só por causa do “past they happen to share” (Lahiri, 2004:119). Contudo, acaba por casar-se com Moushumi, também ela indiano-americana, acabando por ir ao encontro das expectativas da mãe.

Pertencendo a uma geração de indiano-americanos já nascidos na América, Gogol e, sobretudo, Moushumi, terão uma visão global e cosmopolita do mundo, o que os torna de certa forma, cidadãos do mundo, não “acorrentados” a apenas uma cultura. Vekatesh Puttaiah explica a identidade multicultural desta segunda geração contemporânea como “not only a product of the diasporic movement after the end of colonization, but also a product of the global and transnational world we live in.” (Puttaiah, 2012:93). No início da relação entre Gogol e Moushumi, a herança em comum destas duas personagens parece ajudar a que estas se entendam uma à outra, até porque ambas partilham o mesmo tipo de problemas e a recusa de certos padrões da cultura de origem. Contudo, se inicialmente a origem semelhante é um factor de ligação, passado algum tempo, os dois jovens acabam por compreender que os seus percursos os tornaram pessoas muito diferentes um do outro. Em particular, Moushumi ainda se identificará menos que Gogol em relação a qualquer uma das partes que constituem a sua identidade indiano-americana, devido ao seu multiculturalismo. Como Schlote explica: “her immersion in other cultures, apart from American and Indian, enables her to escape her own pre-fixed cultural notions” (Schlote, 2006: 403). O facto de ter vivido em Paris muitos anos leva a que Moushumi crie uma grande identificação com a cultura francesa, juntando-se à sua identidade híbrida indiano-americana, uma terceira dimensão. É nela que finalmente lhe será permitido reinventar-se: “Immersing herself in a third language, a third culture, had been her refuge- she approached French, unlike things American or Indian, without guilt, or misgiving, or expectation of any kind.”(Lahiri, 2004:214)

Moushumi é a personagem que, provavelmente, melhor representará no romance a noção identidade multicultural . Contudo, poderá ser esta necessidade de multiculturalidade e liberdade que acabará por levar Moushumi a trair Gogol devido ao que ele representa, a cultura e as expectativas das quais ela sempre quis fugir: “she can’t help but associate him, at times, with a sense of resignation, with the very

life she has resisted.”(Lahiri, 2004:250)

Em *Native Speaker*, também a relação entre Kwang e Henry estará muito dependente da sua etnicidade em comum: “what I saw now was the face of a recognition, the same that Emile Luzan offered me that first day, too.”(Lee; 1995:133)

Kwang, tal como Henry, suprime o seu lado coreano de forma a integrar-se melhor na sociedade americana, em parte para convencer os outros, em parte para se convencer a si próprio. Será sobretudo através do domínio perfeito da língua inglesa que conseguirá afirmar-se como cidadão americano, pois como refere Liam Corley “Kwang’s mark of success is his ability to give voice to the city as a native speaker. Language becomes the figure that equates both Puritans and Chinese as “boat person[s],” immigrants from other lands with equal claims upon the privileges of citizenship ” (Corley, 2004:8)

Este comportamento de Kwang, leva Henry a sentir-se consciente da falta de autenticidade e naturalidade da relação que existe entre eles: “ we joked a little more, I thought like regular American men, faking, dipping, juking. I found myself listening to us.” “I couldn’t help but think there was a mysterious dubbing going on (...) their faces dulling waiting my real speech, my truer talk and voice.” (Lee, 1995:179)

Contudo, Kwang acabará por partilhar o seu “eu” coreano com Henry, seja através da partilha de refeições coreanas, canções coreanas ou mesmo desleixando o sotaque perfeito do inglês. Esta alteração poderá dever-se não só ao facto de sentir que está com um “igual”, como será mais visível conforme Kwang se vai sentindo mais ameaçado e perseguido pela discriminação da sociedade americana.

Como acontece com Luzan, a investigação de Henry começa a ficar comprometida pela identificação que este sente com o político, o que o leva a suspeitar de Hoagland no que diz respeito à autoria do incêndio na sede de campanha de Kwang, Quando sabe que este se deveu ao facto do político ter descoberto que existia um espião infiltrado na sua campanha, entende que

Hoagland já estava preparado para uma eventual nova “traição” de Park, como havia sucedido previamente com Luzan.

Ao ser anunciado que as fontes de financiamento de Kwang são *geehs*, *money clubs*, referidos pelos *media* e interpretados pela sociedade americana como uma forma de permitir que imigrantes ilegais circulem no país, Kwang acaba mesmo por ter de deixar os EUA. Henry assume neste momento o papel de anti-herói, já que é a sua pesquisa que trava a ascensão de Kwang e acaba mesmo por conduzi-lo à sua queda. Como referido por Corley: “Henry’s research revealing that John Kwang ran a Korean-style money club with hundreds of illegal immigrants is then leaked to the press, and Kwang’s destruction is complete. In place of his dream of full political inclusion as mayor, Kwang is assaulted at his home by a crowd carrying banners reading “Smuggler Kwang” and “AMERICA FOR AMERICANS.” (Corley, 2004:8) Todavia, Park, cujo pai também pertencia a um destes clubes, revela ao leitor que esta é uma organização normal aos olhos de um coreano ou coreano-americano: “To Denis, and to the reporters that are here, I could explain forever Kwang’s particular thinking, how the idea of the *ggeh* occurred as second nature to him. He did not know who was an illegal and who was not, for he would never come to see the fact as something vital. . .” (Lee, 1995:334)

As ideias multiculturais de Kwang acabam, desta forma, por ser destruídas pela América, representada pela agência de Henry. Como refere Beiranvan: “The threat of Kwang [ggeh] was his potential Koreanizing of American culture” (Beiranvan, 2010:8). Através da personagem de Kwang entende-se que a América não tolera a não assimilação aos seus valores, pois enquanto este demarca a sua identidade como americano, falando um inglês correcto e não sendo demasiado disruptivo, é bem aceite. Quando põe em causa o sistema vigente, “ameaçando” as regras da cidadania americana é expulso. A sociedade americana que Lee nos apresenta é aparentemente liberal, mas quando ameaçada pelo “outro” depressa se revela muito mais fechada e racista.

Contudo, Chang-Rae Lee não deixa de explorar também a ideia de que não só a América branca não vê com bons olhos a eleição do “outro” para um cargo de poder nos EUA. São também dadas ao leitor pistas de que a própria comunidade

coreano-americana nunca aceitaria verdadeiramente a vitória de Kwang, através da partilha de Park sobre aquela que seria a opinião da mãe sobre o político: “didn’t he know he could only get so far with his face so different and broad? He should have had ambition for only his little family” (Lee, 1995:333).

Um dos discursos de Kwang explora exactamente os perigos deste auto-boicote e da sensação de falta de pertença à América, no qual são referidas as consequências de se ser complacente com os estereótipos criados pela sociedade americana: “That it is not a black problem or a brown and yellow problem, that it is not a problem of our peoples, that it is not even ultimately a problem of our mistrust or our ignorance. Let us think it is the problem of self-hate. Who are they, those who know no justice, no fairness, do you know them? Are they familiar?(...) they’re just like you.”(Lee, 1995:151/152)

3.2. Reconciliação identitária: de uma identidade fraturada a uma identidade híbrida

Nos três romances, a segunda geração viverá presa entre dois mundos e respectivas influências, o que lhes provoca conflitos internos e externos que perturbarão o seu processo de construção identitária. Será apenas no momento em que aceitam o que a sua identidade étnica pode conviver com o seu “eu” americano, que conseguirão reconstruir a sua identidade fraturada.

A sua identidade americana será, geralmente, bem aceite pela segunda geração, embora essa assimilação não seja isenta de conflitos. A pressão que é exercida nesse sentido irá, muitas vezes, apenas ajudar a camuflar a hibridez da identidade desta segunda geração, acabando por gerar uma identidade confusa. De qualquer forma, ao longo do seu desenvolvimento, as personagens dos três romances passarão a maior parte do tempo a rejeitar este lado. Essa rejeição será muito forte na fase da adolescência, dado que os jovens querem integrar-se e o *mainstream* é representado pela cultura americana. Já em crianças, nota-se uma maior ligação ao lado étnico, embora algumas vezes incompreendido, uma vez que a dimensão familiar e doméstica é maior e a influência dos pais é forte. Contudo, será

só mesmo em adultos, e após eventos decisivos ou mesmo traumáticos que aprenderão a aceitar que o seu lado étnico faz parte deles e que o mesmo é representado em grande parte pela sua família.

No caso das filhas de *The Joy Luck Club*, o processo de descoberta e aceitação de uma identidade híbrida será conduzido através das histórias das mães, uma vez que estas irão permitir que as filhas as compreendam melhor e às suas raízes, mas também as ajudam no seu processo de autoconhecimento. Aprendendo a ouvir as histórias, não enquanto mitos, mas enquanto factos-chave na vida das mães, conseguirão retirar lições que se adaptam a ambas as culturas e gerações. Na China do passado ou na América do presente, a génese dos problemas das mães e filhas pode afinal ser muito semelhante e muito ligada ao próprio papel da mulher.

Na terceira secção da obra, as filhas já são adultas e contam histórias sobre a actual relação com as suas mães. É possível perceber que se mantêm os conflitos entre elas, sendo que em grande parte estes derivam das mesmas questões que perturbaram as suas relações desde a infância. Contudo, será a partir deste momento que finalmente mães e filhas se rendem e estabelecem possibilidades de compreensão mútua. O que as mães querem é que as filhas aprendam com o seu passado e a sua experiência e possam adaptar estes ensinamentos às suas vidas presentes na América. Estes ensinamentos ser-lhes-ão úteis também na gestão das relações de Lena e Rose com os maridos. Ao deixar de culpabilizar a sua etnicidade, Rose fica mais disponível para ouvir os conselhos da mãe, que percebe não desejar simplesmente que ela salve o casamento, mas que se salve a si própria e lute pelo que quer: "Why do you not speak up for yourself?" (Tan, 2006:193). Rose acaba por enfrentar o marido e nessa noite sonha que encontra a mãe num jardim, onde as ervas daninhas crescem livres, representando as suas próprias vontades e liberdade.

É apenas quando as mães mostram a sua vulnerabilidade perante as filhas, através da partilha da sua história traumática, que cai a barreira construída desde a sua infância. Como refere Rocio G. Davis: "Once the daughters are aware of their mother's vulnerability, their weaknesses, then all danger is past and the mother may be invited in" (Davis, 1994:99). A viagem de June à China representará este regresso à mãe e a aceitação do seu lado chinês, que até então rejeitava principalmente por

não o compreender. A morte de Suyan leva a que June se reaproxime da cultura chinesa e pondere acolher a sua identidade étnica como forma de estar perto da mãe que perdeu. Esta continuará bem viva na sua memória, pelo que será sobretudo através de June que o leitor conhece a história de Suyan. Amy Ling sugere ainda que a perda da mãe pode ser uma metáfora para a perda da conexão com a terra-mãe (Ling, 1990:132), sendo que a mesma pode ser recuperada através da viagem à China e do encontro com as duas irmãs: "And now I also see what part of me is Chinese. It is so obvious. It is my family It is in our blood. After all these years, it can finally be let go" (Tan, 2006:288). A morte como catalizadora emocional e identitária será também utilizada por Lahiri na personagem de Gogol, que ao perder o pai, acolhe o seu eu indiano, como forma de se sentir perto do pai, mas também por Lee, através da morte de Mitt. A família será então a representação máxima das suas identidades étnicas, daquilo que é chinês e indiano neles.

A viagem de June à China marca, desta forma, o derradeiro momento de reconciliação étnica para esta personagem, acontecimento desencadeado pela já referida morte da mãe. Este será o momento em que a jovem aceita finalmente o seu "eu" chinês: "I feel different. I can feel the skin on my forehead trembling, my blood rushing through a new course, my bones aching with familiar old pain. And I think my mother was right. I am becoming Chinese" (Tan, 2006:267). Com esta viagem, June cumpre, desta forma, não só a resolução da mãe em encontrar as filhas que deixara na China, mas consegue finalmente também compreender a mãe ao ponto de conseguir contar a sua história, trazendo significado à sua própria vida. Cao Shuo e Wang Yucui referem esta dupla resolução: "For Jing- mei, the journey is an epiphany and a discovery of self: finally aware of her mother's meaning, she is able to give voice to Suyuan's story as well as to the story that they share as mother and daughter" (Shuo & Yucui, 2014:240).

Ao mesmo tempo, o envolvimento das outras mães nesta partida de June para a China revela não só o desejo querer fazer cumprir a vontade da amiga, como a sua própria esperança de reconciliação com as suas próprias filhas, através do exemplo de June e Suyuan. Esta viagem será o reflexo do que aconteceu a Amy Tan, que também tinha uma relação problemática com a mãe e com quem conseguiu

reconciliar-se através de uma viagem à China e da aceitação do seu lado chinês. Shuo e Yucui apontam que:

“It is evident that Amy Tan seems to place more emphasis on the Chinese identity as the healing factor, which is closely related to her own experience and also her writing intention. In 1987, Tan traveled with her seriously- ill mother to China, with whom she had been having a problematic relationship. She learned from that trip how important that was to her.” (Shuo & Yucui, 2014:241).

Esta viagem marcará, desta forma, o início de uma convivência tranquila das duas identidades e não uma arena de conflitos entre duas culturas opostas. Este processo emocional e psicológico é acompanhado pela evidência da presença física de elementos tipicamente americanos na China, como é exemplo a refeição familiar constituída por hambúrgueres e refrigerantes. Se June já sabia que a China existia na América através dos seus imigrantes e da cultura da Chinatown, acaba por compreender que também existem pedaços da América na China e que estes dois elementos não precisam ser mutuamente exclusivos. Esta será uma metáfora para a própria identidade de June, cuja viagem criará uma ponte entre a China e a América, permitindo uma fluidez entre os dois países e culturas.

O facto de June ocupar o lugar da mãe no Joy Luck Club depois desta morrer é também um sinal de reconciliação cultural entre mãe e filha, que compreende finalmente que a China faz tanto parte da sua mãe, como de si própria. “I am sitting at my mother’s place at the mah- jong table, on the East, where things begin.”(Tan, 2006:22).

Aquando o final do romance, a questão já não a escolha entre a China e a América, mas uma complementaridade de ambas as forças, que se entrecruzam na vida de mães e filhas. É nessa altura que as filhas percebem que o seu lado chinês é representado pela sua família e que a influência americana pertence à sua esfera pública, não precisando de ser a transição entre estes dois mundos um processo conflituoso.

Grande parte da narrativa que acompanha Gogol será também pautada por

este mesmo conflito e divisão entre mundos. Antes da morte do pai, Gogol tenta assimilar o máximo possível a cultura americana. Depois, a casa torna-se o local de encontro com a memória do pai, a sua *Little India*. O voltar a conectar-se com a cultura indiana e reconciliar-se com o seu “eu” indiano é a forma que Gogol encontra de se sentir perto do pai, de recuperar de certa forma a sua memória. Esta busca de Gogol pela Índia no final do romance, reflecte um regresso às origens, mas sobretudo um regresso simbólico ao seu pai, que morre numa altura em que Gogol renuncia às suas raízes indianas e procura construir a sua identidade americana. A culpa, associada à perda e ao momento de luto levam-no a regressar àquilo que rejeitou, mas que maior significado tem para ele - a família. É apenas neste momento que Gogol começa a aceitar ambas as culturas que o influenciam e a afirmar-se enquanto cidadão indiano-americano.

Como em *The Joy Luck Club*, a reconciliação com a etnicidade em *The Namesake* acontece através do ponto de vista da reaproximação familiar. No final do romance, Gogol volta a encontrar o livro *The Short Stories of Nikolai Gogol*, que o pai lhe ofereceu no seu 14º aniversário. Esta descoberta funciona como uma forma de reconciliação com o passado e um tributo ao seu pai. Como refere Venkatesh Putaiah: “It is also the moment where the novelist shows how the lives of the first and second generation Indian immigrants in America are connected.” (Putaiah, 2012:93). Contudo, é também nesta altura que Gogol percebe que as pessoas da sua vida que o tratam por Gogol estão cada vez mais distantes e que eventualmente esse nome e esse “eu” desaparecerão com elas. No fim de contas, o facto do nome Gogol estar perto de “desaprecer” na sua totalidade, “provides no sense of victory” (Lahiri, 2004:289), já que esse nome significa o passado, as memórias de Gogol e sobretudo a sua família.

Já em *Native Speaker*, a reconciliação étnica acontece sobretudo através do re-envolvimento de Henry com a sua mulher Lelia, quando as duas partes fazem um esforço para se compreenderem e não se alienarem uma à outra: “Lelia’s changed attitude toward Henry is rooted in Henry’s changed behaviour. That is, Henry tries to understand her.” (Beiravand, 2010:22) Este comportamento reconciliatório será motivado em parte pela revolta de Park face ao caso com Kwang, cujo desfecho

serviu para este compreender a forma como estava a refugiar-se do seu próprio “eu” nos papéis que desempenhava. A vontade de pertencer à América e ao mesmo tempo a sensação de estar alienado levaram Henry a esconder-se atrás de várias máscaras, de modo a evitar olhar para dentro de si e confrontar-se.

Todavia, o acontecimento que irá desencadear o processo de análise por parte de Park à sua própria identidade será a morte do filho Mitt. Como refere Kim Sunli, este é “a traumatic moment (...) that suggests an “origin” to Henry Park’s story and identity” (Sunli, 2015:8) A morte do filho poderá ser uma metáfora para a difícil convivência da identidade coreana com a identidade americana e vice-versa: “maybe it’s that Mitt wasn’t all white or all yellow. Maybe the world wasn’t ready for him” (Lee, 1995: 129). Através desta reflexão de Henry, é possível compreender que este projectava as suas próprias inseguranças na figura do seu filho Mitt e temia que o lado coreano do filho o pudesse impossibilitar de atingir o sucesso. Henry via sem si próprio uma ameaça à construção do “eu” americano do filho, à sua assimilação, nomeadamente no que diz respeito ao domínio da língua: “I feared I might handicap him, stunt the speech blooming in his brain, and that Lelia would provide the best example of how to speak.” (Lee, 1995: 239). Contudo, acaba por se aperceber que apenas ele ficou preocupado que o filho tivesse a “ broad half-yellow face” (Lee, 1995:267) porque ele era “the one who was hoping whiteness for Mitt” (Lee, 1995: 285) já que sentia na pele as consequências de não os ser: discriminação, alienação, conflito identitário.

É apenas no final do romance que Henry percebe que foi a América que o moldou a si, ao seu pai e ao próprio Kwang a serem desta forma, mostrando-lhes “the need to adapt” (Lee, 1995:319), não importa de que forma, de forma a conseguir pertencer: “The constant cry is that you belong here, or you make yourself belong, or you must go.” (Lee, 1995:344)

Quando no final Henry deixa a espionagem para ajudar Lelia no seu trabalho, abre-se a possibilidade de finalmente assumir a sua identidade. Enquanto assistente de Lelia, Henry não deixa apenas de trair a sua etnicidade, como consegue encontrar

no seu novo papel um espaço de redenção⁵⁷, já que a abordagem que a sua mulher assume nas aulas serve para mostrar a estas crianças que “it’s fine to mess it all up”(Lee, 1995:349) . Mostrando às crianças que não devem envergonhar-se da sua falta de proficiência, fica implícita uma reconciliação com a diferença, com a etnicidade distinta.

Contudo, o facto de Henry assumir o papel de *Speech Monster*, que implica colocar uma nova máscara, não deixa claro para o leitor se a resolução identitária deste personagem fica completa. Por outro lado, quando retira a máscara de monstro, torna-se também confuso para as crianças que Lelia e Park tentam ajudar, a forma como aquela cara asiática fala tão bem a língua inglesa: “I sense that some of them gaze up at me for a moment longer, some wonder in their looks as they check again that my voice moves in time with my mouth, truly belongs to my face” (Lee, 1995:349). Chang-Rae Lee prova com esta cena que os estereótipos estão enraizados não só na forma como os americanos olham para o “outro”, mas também como o “outro” se olha a si mesmo, deixando, novamente, a resolução do problema identitário em aberto.

A construção identitária da segunda geração é um processo que gera não só conflitos entre gerações, entre o indivíduo e a sociedade, mas sobretudo entre o indivíduo e ele próprio. A busca de um único lugar de pertença e a identificação com apenas uma cultura representam uma perspectiva irrealista e a segunda geração representada nestes romances irá experienciá-lo. Ser americano é uma construção plural, sob um foco de várias influências, que muitas vezes não se encerram na identidade étnica de origem. O mundo multicultural trouxe novas questões com as quais lidar, novos grupos étnicos e culturais que entram em conflito com os mapas mentais existentes. A identidade cultural torna-se assim um conceito plástico que atravessa todo um oceano de negociações entre origem, América e a própria experiência individual.

⁵⁷ O seu trabalho como assistente de Lelia envolve o apoio a crianças filhas de imigrante, no que diz respeito ao desenvolvimento das suas aptidões ao nível do inglês.

Conclusão

Era objectivo desta dissertação compreender a forma como a literatura asiático-americana contemporânea trata o processo de construção identitário da segunda geração, bem como escrutinar particularidades da literatura indiano-americana, sino-americana e coreana-americana, no que diz respeito à pergunta enunciada. Embora o *corpus* em análise seja insuficiente para se retirarem conclusões inquestionáveis, é possível confirmar que generalizações no que diz respeito ao processo de construção identitária da segunda geração devem ser evitadas, pois existem especificidades culturais únicas que colocam em causa o conceito estático e unívoco de etnicidade “asiático-americana”.

Contudo, fica claro que a categorização que a América maioritária lhes impôs, derivada de conceitos racializados de “oriental”, influencia a sua auto-percepção. Traçando o enquadramento histórico, económico e social que envolve a imigração asiática para a América e a sua história de discriminação, é possível compreender a sobrevivência de estereótipos (quer negativos, quer positivos). Este processo de interiorização do olhar alheio emerge com frequência nas obras discutidas, em instâncias em que personagens não se sentem “merecedores” de uma identidade americana.

Compreende-se, desta forma, que não só os primeiros autores se tenham sentido impelidos a denunciar as consequências da posição do asiático-americano enquanto “outro”. Na literatura contemporânea, questões sobre a experiência e identidade continuam a ser prementes, principalmente no que diz respeito à experiência da segunda geração. Embora antigos estereótipos já não façam parte da realidade dos personagens da ficção analisada, o facto de crescerem suspensos entre dois mundos e culturas, cujas vozes são, muitas vezes, contraditórias, resulta em processos de auto-identificação complexos e conflituosos.

As obras em estudo nesta dissertação exploram exactamente esta questão. Contudo, embora todas apresentem factores de influência semelhantes na construção identitária das suas personagens, revelam também particularidades que encontram justificação nas diferentes inserções culturais e históricas, projectadas em esferas domésticas e familiares singulares.

O que irá unir todos os personagens de segunda geração nestas obras será, sobretudo, o facto de serem filhos de imigrantes nos EUA e crescerem entre dois mundos e realidades, muitas vezes contraditórias. Contudo, nenhuma das personagens se parece identificar como asiático-americana. Todas elas, sobretudo após a reconciliação com a origem, se identificam com os seus protocolos de hibridez específica, autodefinindo-se como sino-americanas, coreano-americanas e indiano-americanas.

Desta forma, não parece sustentável analisar as experiências retratadas apenas à luz das generalizações realizadas pelos estudos antropológicos e sociológicos sobre os asiático-americanos de segunda geração, já que todas as experiências são individuais, mais ou menos afectada por cada factor de influência.

Em suma, esta análise coloca em causa a validade da utilização generalista do conceito “asiático-americano”, já que revela a sua incapacidade em abranger experiências tão heterógenas como as analisadas. Embora não lhe deva ser negada a sua importância histórica e política, que tão bem serviu a pan-etnicidade asiático-americana na década de 70, talvez seja altura para esta categorização simplista ser revista criticamente, de modo a que todos os grupos que por ela são tradicionalmente abrangidos possam, finalmente, imprimir a sua pluralidade na América.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bibliografia Primária

LEE Chang-Rae, *Native Speaker*, Riverhead Book, New York, 1995

LAHIRI Jhumpa, *The Namesake*, Mariner Books, New York, 2004

TAN Amy, *The Joy Luck Club*, Penguin Books, United States of America, 2006

Bibliografia Secundária

AGNEW Vijay, *Diaspora, Memory and Identity: A Search For An Identity*, Toronto: University of Toronto Press, London, 2005

ALEXANDER Meena, *Fault Lines- A Memoir*, Feminist Press at the City University of New York, USA, 2003.

BHATT Mahesh Bharatkumar, *Struggle to Acculturate in the Namesake: A Comment on Jhumpa Lahiri's Work as Diaspora Literature*. Working Paper No.18, IMDS Working Paper Series, Gujarat Arts & Science College, Ellisbridge, Abmedabad, pp: 38-49

BEIRANVAND Amin, *Racial Conflict in the United States of America A Deconstructive Perspective on Native Speaker by Chang- rae Lee*, Master Degree Thesis in Literature, Dalarna University, 2010

BOND Michael. *Beyond the Chinese Face. Insights from Psychology*. Oxford University Press. Oxford and New York. 1991

BRUBAKER, R. & COOPER. F., *Beyond identity*, Theory and Society, 29:1, 2000, pp: 1-47

CHANG Juliana, *Interpreting Asian American Identity and Subjectivity*. MFS Modern Fiction Studies. Vol. 53:4, 2007, pp: 867-875

CHEN Tina, *Impersonation And Other Disappearing Acts In Native Speaker By Chang-Rae Lee*, MFS Modern Fiction Studies, Volume 48: 3, 2002, pp: 637-667

CORDELIA Ebina, *The Treatment of Immigrant Experience in Jhumpa Lahiri's The Namesake*, The Criterion: An International Journal in English, Vol. II. N. IV. , 2011

CORLEY Liam, "Just Another Ethnic Pol": Literary Citizenship
In Chang-Rae Lee's *Native Speaker*", Studies in the Literary Imagination, 37:1, 2004

DASGUPTA Sanjukta, *Reading Jhumpa Lahiri's The Namesake: Reviewing the Russian Connection*, Rupkatha Journal on Interdisciplinary Studies in Humanities, Vol.3:4, 2011, pp: 531-543

DAVIS Rocío G, *Wisdom (Un)heeded: Chinese mothers and American daughters in Amy Tan's The Joy Luck Club*. C.I.F., XIX. 1993-1994, pp: 89-100

ENGLES Tim, *"Visions of me in the whitest raw light": Assimilation and Doxic Whiteness in Chang-rae Lee's Native Speaker*, Faculty Research & Creative Activity, Paper 52, 1997

GANS Herbert J., *Symbolic ethnicity: The future of thnic groups and cultures in America*, Ethnic and Racial Studies, 2:1, pp:1-20

GOLCHIN Simin, *The process of identity Formation in Amy Tan's The Joy Luck Club*,

Thesis, Akademin For Utbildning Och Ekonomi, 2011

HALL Stuart, "Minimal Selves", *Identity: The real me*, edited by Homi Bhabha
Institute of Contemporary Arts, London, 1987, pp: 44-46

HALL Stuart, "Cultural Identity and Diaspora", *Colonial Discourse and Post-Colonial Theory – A Reader*, edited by Patrick Williams and Laura Chrisman, Columbia University Press, New York, 1990. Pp: 222-237

HAST Tuija, *Communication and Cultural Identity in the Mother-Daughter Relationships in Amy Tan's The Joy Luck Club*, Thesis, University of Tampere, 2008

INDU B.C., *Diasporic Women in Jhumpa Lahiri's The Namesake*, The Criterion: An International Journal in English, N.12, 2013

JAIN Jasbir, *Writers of Indian Diaspora: Theory and Practice*, Rawat Books, Jaipur, 1998

JENKINS Richard, *Rethinking ethnicity: Identity, categorisation and power*, Ethnic and Racial Studies, 17:2, pp: 197-223

KATRAK Ketu H, "South Asian American Literature", *Asian American Writers New Edition*, edited by Harold Bloom, Bloom's Literary Criticism, New York, 2009, pp: 5-26

KIM Elaine H., "Roots and Wings: An Overview of Korean American Literature 1934-2003", *Korean American Literature*, The Sigur Center Asia Papers, edited by Young-Key Kim-Renaud et al, The George Washington University, The Elliot School of international Affairs, 2004, Vol. 21, pp: 1-18

LADHA Sonia, *Second Generation Immigrant Adaptation: Construction of a Hybrid*

Cultural Identity, University of New Orleans Theses and Dissertations, 2005, Paper 219

LEE Don, Uncle Tong: Or, How I learned to speak for all Asian Americans, *Korean American Literature*, The Sigur Center Asia Papers, edited by Young-Key Kim-Renaud et al, The George Washington University, The Elliot School of international Affairs, 2004, Vol. 21, pp: 33-35

LEE Jennifer, *Declawing the "tiger mom"*, *UCI News*. 20/07/2015. Disponível em <<http://news.uci.edu/feature/declawing-the-tiger-mom/>>, consultado em Janeiro de 2016

LEE Robert, *Orientalism*, Temple University Press, Philadelphia, 1999

LI David Leiwei. *Imagining the Nation: Asian American Literature and Cultural Consent*. Stanford University Press. Stanford, Califórnia. 1998

LI Qing, "Chinese American Women, Identity and Education: A Qualitative Study", *Cultural Foundations of Education –Dissertations*, Paper 53, 2012

LIM Shirley Geok-Lin, "Asian American Literature: Leavening the Mosaic", *Contemporary U.S. Literature: Multicultural Perspectives*, edited by Shirley Geok-Lin Lim, U.S.Society&Values, Vol. 5:1. Fevereiro 2000. pp: 18-25

LIM Shirley Geok-Lin et al. *Introduction: Cross Wire: Asian American Literary Criticism*, *Studies in the Literary Imagination*, Vol. 37:1, 2004, pp: i-xi

LING Amy, *Between Worlds: Women Writers of Chinese Ancestry*, Pergamon Press, New York, 1990

LOKTONGBAM Nomita, *Chinese Diaspora: A Study of Amy Tan's The Joy Luck Club*, IOSR Journal of Humanities and Social Science (IOSR-JHSS), pp:56-59

LOPEZ David & ESPIRITU Yen, "Panethnicity in the United States – A Theoretical Framework", *A Reader in Contemporary Asian and Latino Immigration*, edited by Darrel Y. Hamamoto & Rodolfo D. Torres, Routledge. 1997, pp: 195-217

LOWE Lisa, "Heterogeneity, Hybridity, Multiplicity: Making Asian American Differences", *A Companion to Asian American Studies*, edited by Kent A. Ono, Blackwell Publishing, 2005, pp: 276-295

MARQUES Carina Pereira, "What is in a Name?": *Dislocation and Relocation in The Namesake*. Portal de periódicos da faculdade de letras- ufmg. 2003. Disponível em <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/emtese/article/download/3805/3751>> Consultado em Janeiro de 2016

MCLEOD John, *Beginning Postcolonialism*, Manchester University Press, USA, 2000

PAL Adesh, *Theorizing and Critiquing Indian Diaspora*, Creative Books, New Dehli, 2004

MIN Pyong Gap, *Second Generation: Ethnic Identity among Asian Americans*, AltaMira Press, USA, 2002

MIN Pyong Gap, "The Immigration of Koreans to the United States: A Review of Forty-Five Year (1965-2009) Trends", *Koreans in North America – Their Twenty-First Century Experiences*. Lexington Books, United Kingdom, 2013, pp: 9-34

MIN Eun. *Panethnicity among Asian Americans and Latinos: panethnicity as both a dependent variable and independent variable*. PhD (Doctor of Philosophy) Thesis, University of Iowa, 2010

ONO Kent A, "Retracing an Intellectual Course in Asian American Studies", *A Companion to Asian American Studies*, Blackwell Publishing, United Kingdom, 2005, pp: 1-14

ONO Kent. A, *Re/signing "Asian American": Rhetorical Problematics of Nation*, *Amerasia Journal*, 21:1&2. 1995. pp: 67-78

PARK Jerry Z, *Second-Generation Asian American Pan-Ethnic Identity: Pluralized Meanings of a Racial Label*. *Sociological Perspectives*, 51: 3, 2008

PAZO Paula. *Diasporic tastescapes: intersections of food and identity in asian american literature*. Universidade da Coruña. Espanha. 2014

PENG Xiaoya, ZHAO Guodong Zhao and LIU Xiao, *Chinese Mothers as other before American Daughters- On the Chinese Mothers' communication in The Joy Luck Club form the perspective of Orientalism*, *European Journal of Business and Social Sciences*, Vol.2:3, 2013, pp: 1-09

PORTES Alejandro & ZHOU Min, *The New Second Generation: Segmented Assimilation and Its Variants*, *Annals of the American Academy of Political and Social Science*, 530:1, Nov. 1993, pp: 74-96

PUTTAIAH Venkatesh, *Paradoxes of Generational Breaks and Continuity in Jhumpa Lahiri's The Namesake*, *Asiatic*. Vol. 6:1, 2012, pp: 84-94

RANA Sujata, *Diasporic Crisis of Dual Identity in Jhumpa Lahiri's The Namesake*. *Language in India*, Vol.10:3, 2010

SEARS Tommie Adrienne, *Racialization and the formation of Identity in Jhumpa Lahiri's Interpreter of Maladies*, Thesis, Master of Arts, North Carolina State University, 2006

SHUO Cao and YUCUI Wang, Cultural Reconciliation in Amy Tan's Novels, *International Review of Social Sciences and Humanities* Vol 6:2, 2014, pp. 239-245

SIBER Mouloud and RICHE Boutledja, *Bengali Cultural Identity and "Multi-cultural America" in Jhumpa Lahiri's The Namesake (2003): A Cultural Anthropologist Approach*, *Anglisticum Journal (IJLLIS)*, Vol. 2:3, pp: 275-281

SINGH Amardeep, *"Names Can Wait": The Misnaming of the South Asian Diaspora in Theory and Practice*. *South Asian Review*. Vol. XXVIII:1, 2007

SOHN Stephen H, LAI Paul and GOELLNIGHT Donald C., *Introduction: Theorizing Asian American Fiction*, *Modern Fiction Studies*, 56.1, 2010, pp: 1-18

SUNLI Kim, *Masks, Origins, and Copies in Chang-Rae Lee's Native Speaker*, Senior Honors Thesis: Stanford University Department of English, 2015

WONG, Sau-Ling Cynthia. *Reading Asian American Literature: From Necessity to Extravagance*. Princeton, New Jersey: Princeton University Press. 1993

WU Ellen D., *The Color of Success – Asian Americans and the Origins of the Model Minority*, Princeton University Press, United States of America, 2014

ZENG Li, *Diasporic Self, Cultural Other: Negotiating Ethnicity through Transformation in the Fiction of Tan and Kingston*, *Language and Literature*, XXVIII, University of Louisville, 2003

ZHOU Min, *Chinatown: The Socioeconomic Potential of an Urban Enclave*, Temple University Press, Philadelphia, 2010

ZHOU Min. *Are Asian Americans Becoming "White"?*. *Contexts*, 3:1, USA, 2004, pp: 29-37

ZHOU Min. *Growing up American: The Challenge Confronting Immigrant Children and Children of Immigrants*. Annu. Rev. Sociol., 1997, 23, pp: 63-95

ZHOU Min & XIONG Yang Sao. *The multifaceted American experiences of the children of Asian immigrants: Lessons for segmented assimilation*, Ethnic and Racial Studies, 28:6. pp. 1119/1152

A Conversation with Jhumpa Lahiri. Press Release. Houghton Mifflin Company. Disponível em <http://www.houghtonmifflinbooks.com/booksellers/press_release/lahiri/> consultado em Janeiro de 2016

Color Magazine, 18 Maio 2010, Disponível em <http://www.colormagazineusa.com/index.php?option=com_content&view=article&id=390> Consultado em Março de 2016

Jhumpa Lahiri: 'Writing makes me so vulnerable, The Independent, 14 Junho 2008, Disponível em: <<http://www.independent.co.uk/arts-entertainment/books/features/jhumpa-lahiri-writing-makes-me-so-vulnerable-845803.html>> Consultado em Janeiro de 2016

The Joy Luck Lady, The Detroit News, 3 Nov. 1995 Disponível em <<http://detnews.com/menu/stories/23098.htm>> Consultado em Fevereiro de 2016